

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

JORDY SARTORI TAMURA

FENOMENOLOGIA DO NEOPENTECOSTALISMO: A IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E O BRASIL CONTEMPORÂNEO

SÃO PAULO
2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

JORDY SARTORI TAMURA

FENOMENOLOGIA DO NEOPENTECOSTALISMO: A IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E O BRASIL CONTEMPORÂNEO

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para
graduação no curso de Psicologia da
Faculdade de Ciências Humanas e
da Saúde da PUCSP, sob a
orientação da Prof. dr. Fabíola
Freire.

SÃO PAULO
2019

Autor: Jordy Sartori Tamura

Título: Fenomenologia do neopentecostalismo: a Igreja Universal do Reino de Deus e o Brasil contemporâneo

Orientadora: Prof Dr Fabíola Freire

Área de conhecimento CNPQ - Psicologia 7.07.00.00.1

Subárea - 7.07.05.00-3 - Psicologia Social

RESUMO

A proposta do presente trabalho foi a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, de modo a discutir as implicações do neopentecostalismo no Brasil contemporâneo. O material usado para realizar a referida descrição foram produções literárias (livros do bispo fundador da igreja e blogs oficiais da igreja) e audiovisuais (testemunhos dos fieis no canal do Youtube). A contribuição da fenomenologia é a descrição dos referidos entes, tornando possível a compreensão desse sistema de crenças que orienta a existência dos adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus. Através desta compreensão foi possível entender alguns de seus efeitos na sociedade brasileira e fundamentar uma crítica.

Palavras-chaves: Pentecostalismo; Fenomenologia; Psicologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A DESCRIÇÃO ENQUANTO MÉTODO: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA SE PENSAR O NEOPENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	11
2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	22
2.1 AS TRÊS ONDAS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	22
2.2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	27
3 MANIQUEÍSMO NEOPENTECOSTAL	31
3.1 O ESPÍRITO SANTO.....	32
3.2 OS DEMÔNIOS.....	35
3.3 COMO IDENTIFICAR O ESPÍRITO SANTO E OS DEMÔNIOS?	39
4 IMPLICAÇÕES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	44
4.1 DE ONDE PARTE A CRÍTICA?	45
4.2 MODO DE FUNCIONAMENTO DA MORALIDADE NEOPENTECOSTAL	47
4.3 LÓGICA POLÍTICO-ECONÔMICA.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	57

AGRADECIMENTOS

A Nichan Dichtchekenian, que ouviu minhas ideias ainda na elaboração do projeto e me apresentou a filosofia de Paul Ricoeur.

A Marcos Orestes Colpo, cujas orientações foram fundamentais ainda na eletiva de pesquisa e por sempre acreditar no projeto.

A André Assis, a Marco Casanova e a Paulo Roberto Machado, cujas aulas no Instituto Dasein (e cervejas) tornaram possível me apropriar do pensamento de Martin Heidegger e pensar a fenomenologia com rigor.

A Fabíola Freire, pela excelente orientação do presente trabalho, pela preocupação com pontos fundamentais da elaboração do texto e por não me deixar virar evangélico.

A Ida Cardinalli, uma das pioneiras na produção acadêmica em psicologia fenomenológica no Brasil e que tornou possível que hoje, graduandos como eu pudessem produzir.

A Agnaldo Gomes, grande amigo e grande orientador de estágio, e que a cada dia faz com que me apaixone pela profissão.

A Lucas Ong, grande fã de karaokê, pela disposição em ler o trabalho e por sugerir alterações fundamentais para o texto.

A André Fonck, Isabella Martins e Robson Modesto, companheiras (os) de Instituto Dasein, com quem aprendi muitas coisas, com quem continuo aprendendo e com quem resolvo os pepinos do instituto.

A Felipe Gaspar, Gustavo Kazuo, Rodrigo Lucas e a Weijhon (e também a André Fonck e Isabella Martins), pelos bares, pelos bandejões e por compartilhar a vida de ProUni na universidade.

A Alexandra Bastos, Cesar Paulicchi, Daniel Pikman, Daniel Kummerow, Gabriela Machado, Luís Felipe, Luísa Fontan, Moira Valvassori e Valentina Barbosa pela amizade e por me acolherem nos primeiros anos de universidade.

A João Domingues, com quem aprendi muito em filosofia e reavivou meu interesse em Husserl, pela amizade, pelos bares e pela leitura e sugestão de mudanças no trabalho.

A Fernanda Marcantônio, Gabriela Plaza, Rafael Soler e Tomás Negreiros, grandes amigas (os) e companheiras (os) de bar, pelas conversas e aprendizado que contribuíram para o trabalho.

A Ana Carolina Amaral, Beatriz Rubin, Carol Godoy, Gabriel Martins, Jaqueline Monico, Luisa Rodrigues, Pedro Charão, companheiros de CA e com quem compartilhei muitos momentos bons na universidade.

A Laura Legal, pelo cuidado que tem comigo na faculdade e não me deixar ser mais perdido do que já sou, pelas caronas e por me lembrar de pôr as páginas no trabalho.

A Gabriela Alvim e Victor Edson, pela amizade e pela atenção no meu envolvimento com o projeto, de modo a contribuir indicando-me e presenteando-me com um texto fundamental para a pesquisa.

A Andie Lima, grande amiga e por mantermos a amizade por todos esses anos.

A João Luis, amigo de longa data, pela leitura e interesse em contribuir com o trabalho e pelo aprendizado em Lacan.

A Paula Gushi, outra amiga de longa data e com quem tenho o prazer de manter o contato depois de todos esses anos, pelas caronas, pelas cervejas e pelas amizades.

Entra Fernando e sai Fernando e quem paga é o povo
Que pela falta de cultura, vota nele de novo
E paga caro, com corpo e com a alma
E entrega na mão de um pastor pra ver se salva
Com a barriga vazia não conseguem pensar
Eu peço proteção a Deus e a Oxalá
De infantaria que eu sou e tô na linha de frente
Rio de Janeiro, fim de século, a chapa tá quente!

Planet Hemp, Stab

INTRODUÇÃO

A questionabilidade de toda e qualquer produção acadêmica é fundamental para o seu desenvolvimento. Blindar argumentos de críticas de qualquer natureza, ao contrário de demonstrar sua consistência, revela a fragilidade que a retórica possui. A oposição de ideias é um momento decisivo para o pensamento, obrigando-o a se renovar. Repensar pressupostos trouxe-nos importantíssimas contribuições. Sem o questionamento do caráter absoluto das ciências naturais em produzir juízos sobre a realidade, não seria possível a fenomenologia; sem o questionamento da mecânica cartesiana, citando outro exemplo, não seria possível a mecânica newtoniana. Diversas outras disciplinas tornaram-se mais consistentes ao refutar certezas prévias que orientavam o seu desenvolvimento.

Há um novo movimento de questionamento de teses consagradas, com perspectivas nada animadoras: o formato esférico do planeta Terra, a efetividade da vacina na prevenção de doenças, a existência de aquecimento global são exemplos de verdades colocadas em questão. Não há um mínimo de rigor na produção dessas críticas. Para que o terraplanismo seja verdadeiro, por exemplo, é necessário acreditar que há um conluio global, da qual a NASA faz parte, que induz a população a acreditar que o planeta tem um formato esférico.

Em uma entrevista ao portal “Fé em Jesus”¹, Damares Alves (2019) lamenta que a teoria da evolução entrasse nas escolas. Repensar a evolução das espécies, expondo uma suposta fragilidade no darwinismo, hoje representaria uma revolução na biologia. O que a atual ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos lamenta, porém, é que a igreja evangélica deixou a ciência de lado. Mas que autoridade a igreja evangélica possui na produção científica?

A afirmação da Damares não se trata de um fenômeno isolado, de alguém que assumiu um ministério por acaso. Esse discurso encontra ressonância no cidadão médio, o mesmo que elegeu aquele que tem autoridade para nomeá-la ministra.

A proposta deste trabalho não é uma revisão epistemológica dos saberes das igrejas evangélicas, a fim de refutá-las. No entanto, deve-se reconhecer que a igreja

¹ Após a nomeação de Damares Alves ao recém-inaugurado ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, começa a circular na internet um vídeo de 53 segundos em que a ministra critica o ensino do evolucionismo. De acordo com Marianna Holanda (2019), em reportagem do jornal O Estado de S. Paulo, o vídeo é referente à uma entrevista realizada pela pastora Cynthia Ferreira, em 2013, ao portal “Fé em Jesus”.

evangélica se propõe a produzir verdades e partindo desse reconhecimento que o trabalho encontra sua razão de ser: a descrição desse sistema de saberes. A proposta do trabalho é tornar possível ao leitor a coerência interna desse sistema de saberes através de sua descrição, de modo a pensar suas implicações no Brasil contemporâneo.

Tratar a adesão a esses sistemas explicativos como ignorância daqueles que não tiveram suficiente acesso à cultura ou como um ato de desespero diante do sofrimento da vida cotidiana, embora sejam argumentos satisfatórios, não permite acessar esse fenômeno em sua integralidade. O impacto da adesão a esses saberes está cada vez mais nítido, e vêm se alastrando em diferentes domínios da sociedade brasileira. Para citar um exemplo, sintomas de ordem psicopatológica são interpretadas como manifestação do demônio na vida do indivíduo, pois, de acordo com a igreja, esta entidade tem o poder de agir sobre o sistema nervoso; diante de tais manifestações, ao invés de procurar um profissional da saúde, é possível que o crente consultará o pastor de sua igreja. É urgente entender a plausibilidade dessa retórica - afinal, se há pessoas que se dizem evangélicas, é porque há uma plausibilidade nesse discurso - para que possamos nos orientar. A proposta do presente trabalho é a compreensão desse sistema de saberes, tornada possível pela descrição, para discutir de que modo nossa sociedade é afetada por esse modo de se orientar no mundo.

Considerando o imenso leque de segmentos dentro do protestantismo brasileiro, é necessário delimitar uma determinada denominação evangélica como foco de análise: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Considerando a imensidão de saberes produzidas por essa instituição, como será possível o acesso a essa compreensão? Duas figuras privilegiadas foram escolhidas como alvo da investigação: o Espírito Santo e os demônios. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o presente trabalho tem como ponto de partida “os dados imediatos da consciência” (Lyotard, s/d, p. 8), caracterizando assim o método fenomenológico, de modo que se considere o “eu” que vivencia o Espírito Santo e os demônios de um determinado modo. Portanto, o objetivo do presente trabalho é a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, descrição esta, tornada possível pela fenomenologia; a partir da descrição dos referidos entes, compreender o todo no interior do qual o Espírito Santo e os demônios são possíveis: o neopentecostalismo na sociedade brasileira.

A relevância da fenomenologia está justamente em pensar a produção de conhecimento a partir da descrição, acessando os sentidos que se manifestam para uma subjetividade². No primeiro capítulo, a relevância da fenomenologia e o modo como ela tornará possível a referida investigação, será abordado detalhadamente. Passaremos por três autores, que pensam a fenomenologia de modos distintos: Edmund Husserl, Martin Heidegger e Paul Ricoeur.

Para que a análise fenomenológica do Espírito Santo e dos demônios seja possível, é necessário entendermos a trajetória do pentecostalismo no Brasil e o desenvolvimento da Igreja Universal do Reino de Deus ao longo dos anos. O segundo capítulo é dividido em duas partes: a primeira é referente ao desenvolvimento das três ondas do pentecostalismo brasileiro, e a segunda, ao desenvolvimento da IURD e momentos marcantes de sua história.

Na terceira, descreveremos os demônios e do Espírito Santo tal como concebidos pela instituição e que orienta a existência dos fiéis. Livros do Edir Macedo, diversas produções audiovisuais e etc., servirão de base para essa análise.

No quarto e último capítulo, se discutirá os impactos desse horizonte hermenêutico no Brasil contemporâneo. Haverá uma crítica, portanto, dos sentidos e significados descritos no capítulo anterior, para acessar outro grau de compreensibilidade do fenômeno em questão. Se no terceiro busca-se acessar a plausibilidade do saber neopentecostal, no quarto será realizado uma análise que ultrapasse essa coerência interna.

² Nos textos de Heidegger, não se adota o termo “sujeito” para se referir ao ente que somos nós, pois o autor considera que há uma série de implicações no uso da palavra, que estão em desacordo com o que ele entende por fenomenologia. O mesmo não acontece com Husserl e Ricoeur, por isso a adoção do termo no presente texto.

1 A DESCRIÇÃO ENQUANTO MÉTODO: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA SE PENSAR O NEOPENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A proposta desse capítulo é apontar as contribuições da fenomenologia para o desenvolvimento do tema do trabalho: a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus. Descrição esta que tornará possível entender os efeitos desse modo de se orientar no mundo no Brasil contemporâneo. É necessário a descrição da filosofia de autores que pensam a fenomenologia, por mais exaustivo que possa parecer, para uma melhor compreensão da especificidade do modo de se abordar esse fenômeno religioso. O capítulo procurará justificar a relevância dos autores citados para acessar o horizonte de manifestação desvelado pela Igreja Universal do Reino de Deus e que orienta a existência de seus seguidores, ao invés de fazer pura e simplesmente uma síntese de seus pensamentos. Não se trata de um momento do trabalho em que se abordará exclusivamente fenomenologia, pois se buscará demonstrar de que modo o referido método é relevante para se pensar o neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus, a partir do Espírito Santo e dos demônios.

Na introdução, foram dadas algumas indicações do lugar da fenomenologia no presente trabalho. Afirmamos, citando Jean-François Lyotard, que o ponto de partida da fenomenologia são os “dados imediatos da consciência” (2010, p. 8). Há, porém, uma série de implicações na delimitação desse ponto de partida que é necessário desenvolver. O que Husserl, o fundador da fenomenologia, entende por “consciência”?

Para responder a essa pergunta, primeiro falaremos o que a consciência não é. Uma definição de consciência comumente difundida descreve-a como um receptáculo no interior do qual objetos externos exercem sobre ela efeitos de ordem causal, de modo que só assim a informação desse objeto penetra a consciência. Se vemos um esquilo, é porque o esquilo exerceu um efeito sobre nossa consciência; se sentimos o calor do sol, é porque sofremos efeitos de seu aquecimento.

Há outras definições de consciência desenvolvidas ao longo da tradição e que Husserl procura refutar. Não será necessário mencioná-las nesse trabalho, pois as limitações do exemplo acima, que serão indicadas a seguir, serão suficientes para ajudar a compreender o que o autor entende por consciência.

O primeiro problema que essa definição esbarra, é na impossibilidade de se pensar objetos não fisicamente presentes. De que modo a consciência pode ter acesso a uma criatura antropomorfizada, vermelha e com chifres, que a tradição cristã chama de Diabo? Apenas através de gravuras? E objetos que supostamente surgirão no futuro, como o retorno de Jesus Cristo? E objetos abstratos, como a onipotência do Espírito Santo descrita por Edir Macedo?

O segundo problema que surge é referente ao lugar em que os objetos externos tornam-se conscientes ao sujeito. Quando nos referimos ao interior da consciência, o que é exatamente esse lugar? Está alojado no interior de nosso organismo? Caso se refira ao sistema nervoso, o que não é o caso, é possível descrições muito mais precisas a partir de pesquisas empíricas.

O conceito de intencionalidade é fundamental para a fenomenologia. Para Husserl, quando falamos em consciência, estamos nos referindo a uma relação, pois a consciência só é possível em referência ao seu correlato, seja ele efetivamente existente ou não. A intencionalidade é essa relação. Portanto, não é possível imaginar pura e simplesmente, é sempre necessário imaginar algo; é impossível conceber o imaginar dissociado daquilo a que o imaginar se refere. Podemos imaginar Jesus andando sobre as águas, por exemplo. Mas não podemos conceber o imaginar sem essa imagem ao qual ela se refere, seja ela qual for. O mesmo vale para outros atos de consciência, como o sentir, o pensar, o amar etc. Consciência é necessariamente “consciência de”. O ponto de partida da fenomenologia, citado anteriormente, é esse correlato ao qual a consciência incessantemente se refere.

Quando tomamos a intencionalidade como atributo fundamental da consciência, nós imediatamente nos opomos à definição de consciência como recipiente que sofre efeitos de ordem causal de objetos externos. Tal como descrito acima, foram apontadas duas limitações a essa definição de consciência, e a elas que o conceito de intencionalidade procura responder.

A primeira delas se referia a impossibilidade de pensar atos de consciência de objetos não fisicamente presentes. Essa limitação torna impossível o trabalho, tendo em vista que objetos advindos de contextos bíblicos ocupam um lugar central na presente investigação. A seguir, Dan Zahavi aponta para a não necessidade de o objeto intencional efetivamente existir:

Em oposição às relações assim chamadas naturais, a intencionalidade caracteriza-se, portanto, pelo fato de não pressupor a existência de dois relatas (razão pela qual talvez se devesse até mesmo abstrair de designar a intencionalidade em geral como uma relação). Se A produz um efeito causal em B, tanto A quanto B precisam existir; em contrapartida, se A visa intencionalmente a B, então é necessário apenas que A exista.(...) Por conseguinte, a intencionalidade é caracterizada por sua independência da existência. (ZAHAVI, 2015, p. 32)

A segunda limitação se refere a uma suposta interioridade da consciência, em que seria possível a vida psíquica. Quando falamos que consciência é necessariamente “consciência de”, a noção de interioridade cai por terra. Quando a entendemos como pura relação, não é necessário pensar uma suposta interioridade como condição de possibilidade para o funcionamento do estar consciente. Embora o objeto a que a consciência se refira não precise efetivamente existir, sem esse correlato é impossível conceber consciência em Husserl. É impossível amar pura e simplesmente, é sempre necessário amar algo ou alguém.

Portanto, quando nos referimos a consciência, também nos referimos a uma totalidade que se manifesta para o sujeito e na qual o seu existir é possível. É tarefa da fenomenologia descrever esses significados da maneira como surgem a consciência, afinal, a “fenomenologia não deve ser nem mais, nem menos do que uma pura descrição daquilo que aparece”. (ZAHAVI, 2015, p. 22)

A proposta do presente trabalho é a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus. Qual a necessidade do presente capítulo? Pois nele está contido a demonstração da relevância do método fenomenológico para se realizar a referida descrição. Se há uma explicação do pensamento de diferentes filósofos, é para demonstrar a relevância da fenomenologia para se pensar a proposta do trabalho.

Quando se afirma “que os demônios desencadeiam uma feroz luta contra os homens” (MACEDO, 1984, p. 28) sabemos que não se trata de um combate corpo a corpo, em que homens enfrentam seres antropomorfizados com chifres e pêlos. Para que a frase em questão se torne compreensível, é necessário entender que demônios são esses e qual a razão dessa feroz luta; mas não se trata de quaisquer demônios, e sim do sentido de demônio tal como veiculado pela Igreja Universal do Reino de Deus. No presente trabalho, ao descrevermos os referidos entes, não entraremos no mérito da existência ou não de determinadas entidades, nem na

efetividade das promessas que só seriam possíveis no exercício da fé. Nosso objetivo é descrevê-los tal como surgem à consciência daquele que crê, e a partir dessa descrição se buscará entender o modo de manifestação desse ente. E para que seja possível essa descrição, é necessário resgatar outros elementos da teologia da IURD que tornem compreensíveis aquilo que mobiliza milhares de fiéis. Ou seja, a análise não se trata de uma constatação da realidade empírica daquilo que a Igreja prega, e sim a descrição do fluxo de vivências daquele que crê.

A cena acima ilustra a complexidade que envolve qualquer exercício de descrição. Ao descrevermos o Espírito Santo e os demônios, tal complexidade deve ser levada em conta. Outros autores além de Husserl nos oferecem subsídios para realizá-la, mesmo que eventualmente entrem em contradição com o fundador do método. Há uma série de fatores que devem ser considerados na descrição, e cada autor pensa esses fatores de maneiras diferentes.

Em Heidegger, a noção de intencionalidade é levada às últimas consequências. Para o autor, embora Husserl afirme que consciência é pura relação, o criador da fenomenologia se contradiz ao manter as categorias de sujeito e objeto inauguradas em Descartes. “A menos que tenha sido depurada por uma prévia determinação ontológica fundamental” (HEIDEGGER, 2012, p. 151), toda referência ao sujeito remete imediatamente a noção de substância. Embora abandonado a noção de interioridade como característica fundamental do estar consciente, Heidegger ainda encontra limites na formulação de seu professor. Se intencionalidade é relação e mais nada, não pode haver lugar para se pensar substância como lugar privilegiado de onde se origina o estar consciente; mesmo na noção de “consciência” está implicado este preconceito. A crítica de Heidegger é que ainda em Husserl há uma substância - chamemos-na de sujeito, consciência ou homem - que produz a intencionalidade a partir de modos de acesso a seus correlatos.

A escolha do termo ser-aí (Dasein) para designar o ser que nós somos não se trata de uma arbitrariedade, e sim de um modo de se referir a essa pura intencionalidade sem se referir involuntariamente a noções de substância. Ao invés de nos referirmos a uma subjetividade que produz modos de acesso a objetos do mundo, nos referimos a algo que é o puro acesso; ao invés de nos referirmos a diferentes atos de consciência produzidos por esses sujeitos (pensar que $2+2=4$ e duvidar que $2+2=4$), nos referimos a diferentes modos de ser do ser-aí. Em Heidegger, não somos uma substância que realiza atos de consciência, nós somos os próprios

“atos de consciência”, de tal modo que não é mais possível nos referirmos a “atos” e nem a “consciência”. Nós somos o pensar e o duvidar. Porém, a noção de intencionalidade exige um correlato. Se somos o pensar e o duvidar, a que esse pensar e duvidar se refere? O aí (Da), da expressão ser-aí, se refere ao correlato ao qual os modos de ser referidos são possíveis. O ser que somos nós, só é possível enquanto aí.

Qual a relevância do pensamento heideggeriano para a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como manifestos pela Igreja Universal do Reino de Deus? Quando realizarmos a referida descrição nos próximos capítulos, não estaremos enumerando determinados atos de consciência de uma determinada cultura religiosa, estaremos na verdade investigando quem são aqueles que vivem essas determinadas vivências. Não é um exercício em que se parte das vivências para se alcançar a subjetividade por trás delas, pois é na própria vivência que se dá a singularidade daquele que vive o neopentecostalismo. Não investigamos o modo específico de devoção do crente da IURD, para a partir desses dados deduzirmos um perfil desse grupo; a especificidade dessa devoção é um modo de ser do crente da IURD. Portanto, a descrição das vivências basta para a investigar-se o ser que somos nós.

Em um testemunho realizado no altar de alguma unidade da Igreja Universal (que não é possível reconhecer no vídeo encontrado no canal do Youtube da IURD), Mário (2018) descreve a transformação pela qual passou ao frequentar os cultos. Enquanto morador de rua, era conhecido como “biro-biro do breque”, diz que fumava crack, que não sabia ler e escrever e que desconfiava da instituição. Quando passa a frequentar o culto e a pagar os dízimos, sua vida começa a mudar: conforme parou de usar drogas, afirma, passou a ser mais gentil com os outros e a receber quantias maiores enquanto cuidador de carro (conhecido vulgarmente como “flanelinha”). Hoje, diz que comprou um jogo de quarto por 26 mil reais, anda de carro importado e é dono de um “comércio”. Para entendermos quem é Mário, não estamos nos referindo a uma estrutura de consciência (concebida enquanto substância) que só é possível acessar através de determinado procedimento metodológico. Estamos nos referindo à narrativa descrita acima, pura e simplesmente. Isso não implica em acreditar nos fatos descritos, e sim dizer que Mário é aquele que compreende que o processo de conversão fez com que saísse da rua e que tornasse a pessoa que se tornou; que o acesso a bens materiais é algo positivo; que o pagamento de dízimos é

algo justo e etc. Ao descrevermos o Espírito Santo e os demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, estamos nos referindo àqueles que se orientam por esse sistema de crenças.

Mas é possível que daqui a alguns dias, Mário contradiga toda essa narrativa e afirme que estava enganado: quando Heidegger se refere a modos de ser, ele afirma que o ser do Dasein se dá a cada vez:

O ente que temos a tarefa de examinar, nós o somos cada vez nós mesmos. O ser desse ente é cada vez meu. No ser desse ente, ele tem de se haver ele mesmo com seu ser. Como ente desse ser, cabe-lhe responder pelo seu próprio ser. (HEIDEGGER, 2012, p. 139)

Mário não está condenado a esse modo de ser encontrado na narrativa, pois a qualquer momento pode deixar de sê-lo. Enquanto era “biro-biro do breque”, é possível deduzir que seu modo de compreender as coisas era outro, de modo que seu testemunho também fosse outro.

A argumentação do texto até aqui procurou demonstrar a relevância da fenomenologia para se pensar dois entes específicos tal como veiculados pela Igreja Universal do Reino de Deus. O ponto de partida da fenomenologia, que Lyotard fala tão lucidamente, “os dados imediatos da consciência” (2010, p. 8), indicam o caminho que o trabalho procura percorrer: para falarmos de Espírito Santo e dos demônios, descreveremos o modo como ele surge à consciência daqueles que se orientam por essa lógica pentecostal. Produções literárias e audiovisuais serão o material utilizado para se fazer essa investigação.

O neopentecostalismo da IURD, porém, possui uma especificidade que dificulta nossa análise. Mariano descreve a exacerbação da batalha travada entre Deus e o Diabo como um elemento distintivo das igrejas da terceira onda, da qual a Universal faz parte; exacerbação, pois a crença nessa batalha permeia todo o Cristianismo, a diferença é a ênfase colocada. Para os neopentecostais, essa batalha se manifesta em todos os âmbitos da vida, mesmo os mais insignificantes. A indústria do entretenimento, a política partidária, as artes e até o modo de se comportar são possíveis veículos de manifestação do Diabo.

O maniqueísmo Deus e Diabo também indica uma estrutura da realidade, que torna compreensível manifestações dessa natureza. O universo neopentecostal é dividido em dois reinos: o reino material, onde a vida cotidiana e as coisas enquanto tais se manifestam; e o reino espiritual, onde Deus, o Diabo, anjos e demônios vivem

e realizam a referida batalha. Há uma prevalência desse plano suprasensível onde a batalha acontece, de modo que o plano material só é compreensível em referência ao primeiro plano.

Os seres humanos, em função do plano espiritual, participam também dessa batalha. Em todo lugar o crente toma um lado da frente de batalha, portanto ele deve manter uma fé inabalável e manter-se atento para não entrar em domínios da vida cotidiana que sejam “território” do Diabo.

O seres humanos, conscientes disso ou não, participam ativamente de uma ou outra frente de batalha. Agem, cada qual, segundo seu livre-arbítrio. Voluntariamente engajados no lado divino, crêem deter poder e autoridade, concedidos a eles por Deus, para, em nome de Cristo, reverter as obras do mal. Isto é, acreditam-se capazes de alterar realidades indesejáveis do “mundo material” por meio de seu vínculo de fé com as forças divinas (MARIANO, 2014, p. 113)

Ao se comprometer com a fenomenologia, o objetivo do estudo é investigar o Espírito Santo e os demônios tal como propagados pela Igreja Universal do Reino de Deus e que orientam a experiência daqueles que vivem em virtude dessa lógica. Como identificar quais domínios da vida cotidiana correspondem a determinada frente de batalha? Considerando que não vemos uma figura antropomórfica, com pêlos e chifres, pois sua ação se dá em um plano espiritual, como diagnosticamos efeitos da sua ação no plano material? A relevância de Paul Ricoeur, terceiro e último filósofo mencionado nessa seção, está justamente em sua investigação dos sentidos dissimulados como um desafio a fenomenologia. Entenda-se sentidos dissimulados, como aqueles não imediatamente disponíveis à consciência, pois se camuflam sob outros sentidos: à essa estrutura de significação, Ricoeur chama de símbolo. Para citar um exemplo, o preto-velho, de acordo com a IURD, é uma manifestação dissimulada dos demônios, em que estes procuram seduzir os homens com suas promessas.

A seguir, será necessário mais uma exaustiva descrição de um modo de se pensar a fenomenologia. Antecipando, o que será decisivo para o problema acima colocado, será o que o autor chama de “via longa”, referente ao “enxerto hermenêutico sobre o método fenomenológico” (RICOEUR, 1978, p.7).

Tanto para Heidegger, como para Ricoeur, os problemas colocados para a tradição da hermenêutica filosófica são fundamentais para os autores pensarem a fenomenologia. Em todo texto está colocado um problema hermenêutico, porque

embora ele diga algo de imediato, sempre há um distanciamento que precisa ser superado entre o intérprete e o texto. O leitor de um texto produzido “no interior de uma comunidade, de uma tradição ou de uma corrente de pensamento, que desenvolvem pressupostos e exigências” (RICOEUR, 1978, p. 7) precisa apelar a uma hermenêutica que o torne compreensível, pois a simples leitura não basta. Mesmo com simples acesso a determinada língua, o que está implícito no texto não é imediatamente acessível ao leitor. Um texto produzido no século XV por pensadores de uma determinada matriz religiosa tem como pressuposto o lugar no qual o texto foi produzido, ou seja, o contexto histórico e as verdades que circulam no interior dessa corrente. Os textos que o presente estudo realizará uma hermenêutica para compreender o Espírito Santo e os demônios tal como manifestos no neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus serão produções literárias e audiovisuais, como livros, blogs, vídeos no Youtube, filmes e etc.

De acordo com o autor, Dilthey vai além:

a interpretação que prende-se aos documentos fixados pela escrita, é somente uma província do domínio muito mais vasto da compreensão, a qual vai de uma vida psíquica a uma vida psíquica estranha. O problema hermenêutico encontra-se, assim, situado do lado da psicologia: compreender é, para um ser finito, transportar-se para outra vida (RICOEUR, 1978, p. 8-9).

Na medida em que o desenvolvimento da hermenêutica vai de encontro com um domínio, digamos, psicológico, torna-se necessário o diálogo com a fenomenologia, o que o autor chama de o enxerto hermenêutico sobre o método fenomenológico. O autor reconhece duas maneiras de se fundar a hermenêutica na fenomenologia, o que ele chama de “via curta” e “via longa”. A via curta é colocada no interior da analítica do Dasein e ela procura um acesso imediato aos sentidos e significados no qual a existência do referido Dasein é possível e no qual se constitui.

Ricoeur reconhece os méritos da via curta, porém ela passa por cima da problemática dos sentidos dissimulados. Ele identifica em diversos outros sistemas de pensamento o exercício de acessar sentidos dissimulados por detrás de determinados campos de manifestação. Do mesmo modo que o crente neopentecostal enxerga em diversos âmbitos da vida a batalha de Deus contra o Diabo, travada em um plano espiritual, mas que se dissimula na vida cotidiana, diversos outros sistemas realizam hermenêuticas análogas. Porém, cada um desses sistemas, além de desenvolver métodos diferentes, acessam sentidos dissimulados diferentes. Para citar um

exemplo, a psicanálise, de acordo com o autor, busca por detrás dos sintomas uma economia dos desejos; a estrutura semântica do sonho se constitui em torno da deformação do desejo inconsciente, impedindo que este se manifeste de forma não dissimulada à consciência do sujeito. Como mediar esse conflito? Em que medida a psicanálise, a genealogia da moral, a exegese bíblica e etc. produzem interpretações distintas de um mesmo texto? Em que medida é possível uma conciliação? Há uma multiplicidade de hermenêuticas que concorrem entre si, e é procurando mediar esse conflito que ele desenvolve a via longa.

A via longa, através de uma análise de linguagem, iria gradativamente procurar mediar o conflito das interpretações rivais. Através dela que se pensará a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus. Para se pensar a via longa, serão dados dois passos: um, semântico e outro reflexivo.

Do ponto de vista semântico, o caráter simbólico permeia todas as concorrentes hermenêuticas:

Chamo de símbolo toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa, por acréscimo, outro sentido indireto, secundário, figurado, que só pode ser apreendido através do primeiro (RICOEUR, 1978, p. 15)

Portanto:

A interpretação, diremos, é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal (RICOEUR, 1978, p. 15)

E é em torno do oculto e seu respectivo método que cada hermenêutica se desenvolve. O conflito se dá por justamente não haver uma uniformidade de leituras possíveis. A psicanálise busca compreender uma economia dos desejos, Nietzsche, uma expressão da vontade de poder, e assim por diante. A psicanálise só pode encontrar aquilo que ela procura, ou seja, representações do modo como a economia dos desejos se opera; para além disso, perde qualquer possibilidade de significação.

Ao levantar essa problemática é necessário um ultrapassamento do plano linguístico, pois uma sistematização das diferentes modalidades simbólicas à qual a linguagem pode se exprimir não basta.

O reencontro com Heidegger se daria no plano reflexivo. Todo dizer simbólico e toda busca de uma compreensão dos sentidos dissimulados, diz respeito a um si.

Toda coisa interpretada pressupõe um intérprete: a estrutura do interpretar é pensada a partir da noção de intencionalidade. Considerando que o objetivo do trabalho é a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, há uma interpretação realizada pela instituição para diagnosticar a ação do Espírito Santo e dos demônios na vida cotidiana. O exercício de interpretação realizado pelo neopentecostalismo se dá em referência a um si que acredita nos efeitos benéficos do exercício inabalável da fé e da presença do Espírito Santo em sua vida.

Os diferentes métodos interpretativos procuram superar uma distância entre o intérprete e o texto, permitindo assim uma apropriação de diferentes sentidos que eram até então estranhos. Os diferentes modos desenvolvidos para superar essa distância, dentre elas o neopentecostalismo, só é possível através de uma singularidade que procura se apropriar de um domínio da realidade que era até então incompreensível. O si do intérprete é acessado como resultado da interpretação, ao mesmo tempo que essa busca mobiliza a investigação.

A mobilização social e a importância que as igrejas assumem na vida do crente não se dá, pura e simplesmente, através de uma semântica simbólica, e aqui que a etapa reflexiva mostra a sua importância. A medida que exploramos essa manifestação religiosa que cada vez mais conquista terreno em nossa cultura, estamos na verdade nos perguntando: que si está em jogo?

É necessário, portanto, seguir esses passos a fim de se pensar uma hermenêutica coerente do neopentecostalismo, tomando suas manifestações enquanto símbolos. A via longa nos obriga a esmiuçar a lógica circulada no interior dessa corrente, tendo acesso às produções escritas e audiovisuais. Sua semântica específica, a medida que nos oferece uma forma de se dar a interpretação, traz consigo uma riqueza de símbolos que fundamenta a teologia dessa corrente. Só assim realizaremos uma hermenêutica à altura da complexidade do neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus, respondendo coerentemente o problema acima colocado.

O objetivo do trabalho é a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus. A proposta deste capítulo é demonstrar a relevância do pensamento de Husserl, Heidegger e Paul Ricoeur para realizar a referida descrição. A contribuição de Husserl é pensar as condições de possibilidade para que qualquer coisa se manifeste enquanto tal: toda consciência é

consciência de, portanto não é possível conceber o sujeito cognoscente como um receptáculo no interior do qual o pensamento é possível; não podemos conceber o Espírito Santo e os demônios como representações inscritas no interior de uma subjetividade, mas sim como correlatos possíveis da consciência intencional; é descrevendo que compreendemos o sistema de crenças da IURD; em suma, a contribuição de Husserl é de natureza metodológica: através da descrição que compreenderemos o Espírito Santo e os demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus. Em Heidegger, a intencionalidade é levada às últimas consequências: para o autor, quando Husserl mantém a dicotomia sujeito-objeto, as condições de possibilidade para o pensamento deixa de ser pura relação; a escolha do termo *dasein* é pensando o ente que somos nós como pura relação, de modo que somos o *aí* no qual estamos incessantemente lançados, o correlato intencional da existência; ao pensarmos o Espírito Santo e os demônios, nos referimos imediatamente à uma singularidade para a qual esses entes se manifestam, e não de sistema lógicos autossuficientes. Ricoeur, por sua vez, é aquele que pensa outra estrutura de significação: a dos símbolos; para acessar a significação dos símbolos, deve-se encontrar por detrás dos sentidos imediatamente manifestos, sentidos de outra ordem; essa estrutura de significação está contida no horizonte de manifestação tornada possível pela Igreja Universal do Reino de Deus; o desafio que se impõem à descrição do Espírito Santo e dos demônios, está justamente por agirem em diferentes domínios da vida cotidiana de maneira dissimulada: como identificá-los? Eis a relevância do enxerto hermenêutico sobre método fenomenológico, através da via longa. Descrever não é uma tarefa nada simples.

Portanto, o modo de acesso ao Espírito Santo e os demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus será através da descrição, considerando o caráter simbólico do fenômeno a ser descrito; acessando os referidos sentidos, nos remetemos também àqueles que tornam-os possíveis. A realidade em sua totalidade é concebida de um determinado modo pela Igreja Universal do Reino de Deus e seus seguidores; tal modo de conceber, se dá no interior de determinado horizonte histórico: a sociedade brasileira. Ao acessar tais sentidos, portanto, investigaremos também seus efeitos no Brasil contemporâneo.

2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Antes de realizarmos a descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela IURD, é necessário um capítulo sobre a história do pentecostalismo no Brasil. O exercício de interpretação tem por finalidade superar uma distância entre o intérprete e a coisa interpretada, de modo que o horizonte histórico em que o referido ente e o intérprete se constituem podem ser diferentes; a rede de referências no qual me oriento cotidianamente, pode ser diferente daqueles no qual o texto foi produzido. Para descrevermos o Espírito Santo e os demônios tal como manifestos pela Igreja Universal do Reino de Deus, é necessário superar essa distância. Descreveremos, portanto, a trajetória do pentecostalismo no Brasil, desde o surgimento das primeiras agremiações que ainda se mantinham ascéticas e sectárias, até sua forma mais moderna e adaptada a sociedade de consumo. Em seguida, realizaremos uma segunda trajetória: a da Igreja Universal do Reino de Deus. Esta que tem cada vez mais participado da política partidária, como as eleições de 2018 demonstram claramente.

2.1 AS TRÊS ONDAS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Para realizarmos essa trajetória, usaremos as categorias adotada por Paul Freston para classificar o movimento pentecostal no Brasil; como descrito na introdução, o autor é o primeiro a realizar essa divisão. Ao dividir esse fenômeno em ondas, além de situar o surgimento de cada uma delas cronologicamente, não diz que com o surgimento de uma nova onda, a anterior se extinga; embora a primeira onda seja anterior, o surgimento da segunda não implica na extinção da primeira, como se um movimento se metamorfoseasse no seguinte. O que não significa que cada movimento não sofra mudanças, mantendo-se estático ao longo dos anos.

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade

se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente carioca. (Freston, 1993, p. 66)

O elemento definidor do movimento pentecostal do ponto de vista teológico, mesmo nas suas diferentes configurações dentro e fora do Brasil, é a atenção que eles dão ao batismo do Espírito Santo descrito em Atos dos Apóstolos. No dia de Pentecostes, os apóstolos ganharam a faculdade de falar outras línguas e espalhar os ensinamentos da nascente igreja cristã, tornado possível pelo Batismo do Espírito Santo; além do dom de línguas, eles também ganharam o dom de realizar milagres, o que contribuiu no trabalho de evangelização. Há um imenso leque de dons enumerado pelos neopentecostais e que só são possíveis através da presença do Espírito Santo na vida do fiel. Alguns deles serão descritos no próximo capítulo.

As igrejas que se orientavam por essa diretriz aterrissaram em solo nacional na primeira década do século passado, com a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã. Essas duas agremiações dominam o cenário pentecostal brasileiro até a década de 50 e compõem o pentecostalismo clássico. Ao contrário do que viria a ser o traço característico do neopentecostalismo na segunda metade do século XX, as comunidades que surgiram do pentecostalismo clássico eram bastante sectárias e tinham padrões comportamentais bastante rígidos, de modo a repelir prazeres mundanos. Ir ao cinema, assistir televisão, ter relações sexuais sem fins de procriação e fora do matrimônio, usar biquíni e etc. são algumas das possíveis proibições das igrejas da primeira onda.

A retomada da industrialização no Brasil da década de 30 decorreu em um inevitável crescimento das cidades, atraindo um imenso contingente populacional das zonas rurais, em busca de oportunidades para alcançar melhores condições materiais. A melhoria do padrão de vida da população é um efeito esperado do desenvolvimento, implicando em uma transformação econômica, política e social; se a transformação não envolver esses três setores ao mesmo tempo, “as modificações verificadas em um desses setores terão sido tão superficiais, tão epidérmicas que não deixariam traços” (BRESSER-PEREIRA, 1985, p. 19). Portanto, junto com o aumento da

complexidade da economia brasileira, é de se esperar uma equivalente complexificação do sistema político e, principalmente, da melhoria da qualidade de vida da população. Era em busca disso que os migrantes buscavam nas cidades.

A dinâmica das cidades e a dinâmicas das comunidades rurais eram completamente distintas, e adaptar-se a esse novo modo de vida era um desafio para essa população. Enquanto as relações sociais eram mais próximas na vida do campo, na cidade prevalecia um caráter anômico. As igrejas do pentecostalismo clássico formariam comunidades nos centros urbanos em que “recriaria modalidades de contato primário existentes na sociedade tradicional, firmaria laços de solidariedade entre os irmãos de fé, incentivaria o auxílio mútuo, promoveria ampla participação do fiel nos cultos” (MARIANO, 2005, p. 225), de modo a acolher esse público migrante que estava se adaptando à vida nas cidades.

Ao pregar rígidas normas de condutas e manter um sectarismo nas comunidades surgidas do culto, o pentecostalismo em nada contribuía para a ressocialização dos fiéis. Ao contrário, eles incentivam a virar as costas para o mundo, com a justificativa de se proteger do caráter pecaminoso das coisas mundanas. O crente pentecostal “não apenas deveria se isolar e se apartar das coisas, interesses e paixões mundanos, como até mesmo morrer para o mundo” (MARIANO, 2014, p. 226).

Embora em busca de um padrão de vida mais digno, além de serem marginalizados, eles ainda sofriam dificuldades de ordem material; isso também explica sua adesão aos cultos. Além das curas físicas e dos milagres prometidos pelo Espírito Santo, eles também esperavam uma diminuição do sofrimento causado pela miséria. Essa diminuição não implica, porém, na busca de uma vida de abundância material, a Teologia da Prosperidade não faz parte da teologia das agremiações pertencentes à primeira onda.

A Assembleia de Deus teve origem com dois missionários suecos, Daniel Ber e Gunnar Vingren, que chegaram a Belém do Pará “com dinheiro apenas para uma refeição e uma noite em hotel de terceira” (MAFRA, 2007, p. 147). Na época, em Belém do Pará havia um fluxo imenso em seus portos, decorrente da exploração da pasta de seringa. A carência de recursos financeiros persistiu anos depois, mesmo com o surgimento da igreja. A liderança que esses missionários conquistaram, era em decorrência de enfrentarem as mesmas dificuldades materiais do que a maioria dos que ali viviam. Do ponto de vista teológico, a Assembleia de Deus, sob a liderança de

Daniel e Gunnar, resistirá “a uma mensagem que vincule o cristianismo a noções de bem-estar e prosperidade” (MAFRA, 2007, p. 149).

A estrutura arquitetônica dos templos são importantes indicativos desse ideal de modéstia. Não se trata de templos que chamam a atenção pelo luxo, mas construções com “a forma típica de uma casa sueca, com a imitação das tábuas enchaimel, com os frisos trabalhados, janelas de vidraça, um portal que termina em uma simulação de chaminés” (MAFRA, 2007, p. 149). Isso permitiu que os templos se multiplicassem, uma vez que se tratam de construções simples e não muito grandes, que se distinguem das outras casas apenas pela fachada. Como os congregandos que financiavam as construções, procurava-se evitar que eles entrassem em uma relação de dependência com a igreja. Além disso, “há uma noção de proporção que se defende: o templo deve ser um lugar não grande demais para impedir que os irmãos se conheçam entre si, nem suntuoso demais, a ponto de esfriar o sentimento de intimidade com o divino” (MAFRA, 2007, p. 150).

A industrialização que foi retomada com o início da Era Vargas, trazendo transformações significativas para o sistema político e econômico brasileiro, e principalmente, para a qualidade de vida da população, no início da década de 50 estava praticamente consolidada. De acordo com Luiz Carlos Bresser-Pereira (1985), “o decênio imediatamente após a guerra é (...) uma época de prosperidade econômica” (p. 39). Com a chegada dos anos 50, de modo a se adaptar ao crescimento cada vez mais acelerado das cidades, consequência do bem-sucedido desenvolvimento econômico brasileiro, o pentecostalismo assumiria novas formas, abandonando pouco a pouco o sectarismo e o ascetismo característicos da primeira onda. A Igreja do Evangelho Quadrangular (International Church of the Four-Square Gospel) e a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo são importantes agremiações da segunda onda. O nascimento dessas novas igrejas permitiu a elas se adaptarem “à sociedade urbana porque não carregavam 40 anos de tradição” (FRESTON, 1993, p. 82), fardo este que a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã carregavam. Com eles, “o evangelismo de massa centrado na cura divina” (MARIANO, 2005, p. 30) difundiu-se pelo Brasil, utilizando-se de rádios, concentrações em praças públicas, em ginásios esportivos e em campos de futebol e etc., abertura não aceita pelas agremiações mais antigas, até então.

O surgimento da terceira onda, cuja principal agremiação é o tema do trabalho, data do final dos anos 70 e início dos anos 80. A Igreja Universal do Reino

de Deus está contida na terceira onda e será a partir dela que descreveremos o Espírito Santo e os demônios. Esses, que chamaremos de neopentecostais, são mais radicais no processo de adaptar-se ao estilo de vida dos novos fiéis, conquistando para si um público expressivo. Ricardo Mariano, em seu livro *Neopentecostais - sociologia do novo pentecostalismo brasileiro*, define o movimento a partir de três características:

Retirando as [características] que são igualmente válidas para o pentecostalismo clássico e o deuterpentecostalismo (antiecumenismo, líderes fortes, uso de meios de comunicação de massa, estímulo à expressividade emocional, participação da política partidária, pregação da cura divina), sobre as características do neopentecostalismo, destaco três aspectos fundamentais: 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes da santidade. Uma quarta característica importante, ressaltada por Oro (1992), é o fato delas se estruturarem empresarialmente. (MARIANO, 2014, p. 36)

Esses dois últimos elementos definidores do neopentecostalismo chamam a atenção, pelo contraste em relação ao ascetismo e sectarismo do pentecostalismo clássico. Enquanto o crente da Congregação Cristã, por exemplo, acumulava poucas riquezas e obedecia a uma série de restrições (não torcer para times de futebol, sexo só para fins de procriação e etc.), os que frequentam cultos da Igreja Universal vêm no enriquecimento a realização da vontade de Deus, que se manifestou graças a sua fé inabalável. Além disso,

convivem pacificamente com prazeres mundanos, como assistir à TV, consumir CDs, vestir roupas da moda, mesmo que sensuais, usar produtos e acessórios de embelezamento físico, frequentar praias, piscinas, cinemas, teatros, shoppings centers, praticar esportes, torcer para times de futebol, cantar e dançar nos cultos ao som de ritmos profanos, trabalhar em profissões de artista, modelo, atleta. (MARIANO, 2014, p. 227).

Como entender essa transformação? Com essa abertura, novas possibilidades de evangelização se abriram, de modo que se torna possível a conquista de um número de adeptos cada vez maior. Os estratos pobres que há 60 anos atrás se contentavam com uma vida humilde e com um padrão de condutas rígidos, com o acesso ao consumo seria mais difícil não desobedecer esse código de leis. Setores da classe média, como artistas, empresários, políticos etc., passam a frequentar os cultos, uma vez que não há necessidade de abandonar práticas cotidianas, e em alguns casos, até mesmo sua profissão.

Ao invés de proibirem manifestações culturais, como blocos de carnaval, shows de rock e até mesmo mascar chicletes, práticas consideradas profanas por

igrejas mais tradicionais tornam-se potenciais espaços de pregação. Surge versões gospel nas mais inimagináveis manifestações culturais:

- Indústria fonográfica gospel, que produz músicas gospel dos mais diversos gêneros musicais: na página oficial do Facebook da Oficina G3, a banda de rock é descrita como “exemplo de grupo que conseguiu aliar o propósito de divulgar o evangelho através da música pesada com seriedade, profissionalismo e técnica” (OFICINA G3, 2019);
- Blocos de carnaval gospel: “para cada dia de Impacto de Carnaval Deus prepara algo diferenciado para o seu exército. Aliás, o bloco Sal da Terra é um ótimo ambiente para conhecermos melhor o nosso Pai, e como Ele é *expert* em fazer coisas novas “ (SAL DA TERRA, 2019);
- Sex Shop Gospel: a empresa SexShopGospel, embora não venda artigos para o público homossexual, nem referentes à sadomasoquismo, vendem “vibrador pequeno, algema com pelúcia rosa, gel comestível, anel peniano, a ‘famosa’ pomadinha japonesa” (SOARES, 2013), entre outros produtos.

2.2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Em 9 de julho de 1977, Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares e Roberto Lopes fundam a Igreja Universal do Reino de Deus³. Nos primeiros anos, houve uma disputa de liderança entre Edir Macedo e R. R. Soares. Desligado da Igreja, R. R. Soares funda a Igreja Internacional da Graça de Deus, também uma neopentecostal. Em dezembro de 1987, outra dissidência: Roberto Lopes, um dos fundadores, resolve retornar à Igreja Nova Vida.

A liderança que Edir Macedo exercia na Igreja Universal, que após as dissidências passa a ser absoluta, foi alvo de muitas críticas. Na medida em que a instituição expande seus canais de influência, principalmente nos meios de comunicação e na política partidária, o bispo passa a chamar cada vez mais a atenção da imprensa pelas controvérsias em torno do *modus operandi* da instituição em

³ Antes de fundá-la, Macedo, R. R. Soares, Roberto Lopes e os irmãos Samuel e Fidelis Coutinho, fundaram a Cruzada do Caminho Eterno; houve uma cisão, porém, entre os irmãos Coutinho e o grupo que iria fundar a IURD.

arrecadar fundos e conquistar fiéis. No próximo capítulo, em que será realizado uma análise descritiva dos demônios e do Espírito Santo, buscaremos entender o que torna plausível para o crente a efetivação de tais práticas.

Nascida na sala de uma ex-funerária da zona norte do Rio de Janeiro, a Universal passou por um surpreendente processo de expansão:

Em 1985, com oito anos de existência, já contava com 195 templos em catorze Estados e no Distrito Federal. Dois anos depois, eram 356 templos em dezoito Estados. Em 1989, ano em que começou a negociar a compra da Rede Record, somava 571 locais de culto. Entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600%. (MARIANO, 2004, p.125)

O uso dos meios de comunicação como instrumento de evangelização foi decisivo para essa expansão. Do mesmo modo que o primeiro templo foi na sala de uma ex-funerária, o primeiro programa da IURD foi na Rádio Copacabana, com duração de apenas 15 minutos. Anos depois, tornava-se proprietária de dezenas emissoras de rádio. Seu primeiro programa televisivo foi transmitido pela Rede Bandeirantes, o *Despertar da Fé*, que teve início em 1980; três anos depois era transmitido para todo o território nacional.

Com a compra da Rede Record em 1989, ficou evidente a força da instituição e a capacidade de expansão desse império religioso-empresarial. A polêmica em torno da compra da emissora se deu pelo mistério envolvendo a transação: Silvio Santos e o grupo Machado de Carvalho, antigos proprietários da emissora, não tinham conhecimento da identidade do comprador. De acordo com a Folha de S. Paulo, Laprovita Vieira, na época deputado federal, e o empresário Alberto Haddad serviram de intermediários, de modo a ocultar a identidade de Edir Macedo. Mesmo assim, foram apontadas uma série de irregularidades na transação, impedindo a compra. A emissora só passou para o nome do pastor quando o Ministro da Casa Civil, a pedido do Laprovita Vieira, convenceu o presidente Itamar Franco a assinar a autorização para efetivar a transferência; “em troca, a bancada evangélica (30 deputados) se comprometeu a apoiar a aprovação do Fundo Social de Emergência no Congresso” (BISPO COMPROU..., 1996).

Com a compra, inicia-se uma guerra com a Rede Globo, onde a emissora e a Rede Record utilizam seus canais de comunicação para atacar uma à outra. No início dos anos 90, o então ex-líder da Universal nos estados do Norte e do Nordeste, Carlos Magno, acusa a liderança da Igreja Universal de enviar ouro e dólares para o exterior, parceria com o narcotráfico e sonegação de imposto.

Esta ligação, que não conseguiu se comprovar, teria supostamente ocorrido quando Macedo enviara quatro pastores de confiança e suas respectivas esposas, entre os quais o próprio casal Carlos Magno e Sandreli Miranda, num avião fretado da Líder Táxi Aéreo, dia 12 de dezembro de 1989, a Bogotá, Colômbia, para receber de um traficante, recém-convertido à igreja, US\$ 1 milhão para saldar prestação de compra da Rede Record. (MARIANO, 2014, p. 71)

Embora Carlos Magno estivesse envolvido em diversas outras polêmicas, diminuindo a credibilidade de sua acusação, o possível envolvimento do grande líder da Universal com atividades ilegais era reforçado incessantemente no jornalismo da Rede Globo.

Em 24 de maio de 1992, outro escândalo: Edir Macedo é preso, acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato. Em seu blog no site oficial da Igreja Universal do Reino de Deus, escreve-se a respeito do episódio:

O carro é cercado. Metralhadoras, revólveres e um tremendo aparato de armas pesadas apontadas para o bispo Macedo e sua família. A cena mais parecia um sequestro do que uma abordagem policial. O bispo recebeu voz de prisão e foi arrastado para uma das viaturas, sob a acusação de charlatanismo, curandeirismo e estelionato. Foram 11 dias de solidão. (MACEDO, 2019)

Sua prisão partiu de uma denúncia de fiéis, que acusaram a instituição de prometer falsos milagres mediante a doação de dinheiro e bens à igreja. Houve uma série de protestos, por parte dos fiéis e de outras igrejas neopentecostais (temendo que lhes aconteça o mesmo). Em 1 de junho de 1992, cerca de dois mil fiéis realizaram uma corrente humana em torno da Assembléia Legislativa; em 5 de junho do mesmo ano (um dia após Macedo ser solto), houve o encontro “Celebrando Deus com o Planeta Terra”, em que aproximadamente 500 mil crentes protestavam a prisão do bispo; no ano seguinte, foi criado o Conselho Nacional de Pastores do Brasil (em uma clara alusão ao católico CNBB), com a justificativa de defender a liberdade religiosa dos evangélicos.

Há incontáveis processos judiciais envolvendo o bispo, além dos aqui mencionados; além da acusação de charlatanismo, curandeirismo e estelionato, há também denúncias referentes ao uso de documentos falsos, difamação e perseguição de religiões afro-brasileiras, lavagem de dinheiro, evasão de divisas e muitas outras.

O acelerado crescimento dos primeiros anos da instituição não se manteve nos anos 2000, como revela o Censo de 2010:

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o crescimento da igreja desacelerou, em parte, devido à proliferação de novas denominações neopentecostais. Se os dados do Censo de 2010 indicam que a população evangélica cresceu de 15,4% para 22,2%, chegando a 42,3 milhões de brasileiros, os números revelam, ainda, que a Universal assistiu a uma retração de 10,8% em seu rebanho, passando de 2.101.884 para 1.873.243 adeptos num período de dez anos (MARCOLINI; MALKES; LOBO, 2014).

Apesar disso, de acordo com matéria da revista Forbes publicada em 2013, o bispo ostentava uma fortuna de 2 bilhões de reais, sendo a liderança evangélica mais rica do Brasil.

Em 2014 a instituição funda seu maior templo e o atual maior espaço religioso do Brasil, superando o anterior em quatro vezes o tamanho, o Santuário de Nossa Senhora da Aparecida. O templo chama a atenção pelo luxo. No site da Igreja Universal, há uma página em que relata detalhes da construção:

- “Na área externa do Templo, há 12 oliveiras plantadas retratando o Getsêmani, localizado no Monte das Oliveiras, em Jerusalém. Cada uma delas possui mais de cem anos e vieram do Uruguai” (IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, 2018);
- “No jardim bíblico, há uma réplica fiel ao Tabernáculo dos tempos de Moisés, em escala original como o que foi construído há mais de 3 mil anos” (Ibid.);
- “O templo foi revestido com quase 40 mil metros quadrados de pedras vindas de Hebrom, em Israel” (Ibid.);
- “Para sua construção foram utilizados 28 mil metros cúbicos de concreto e 2 mil toneladas de aço” (Ibid.);
- “A edificação tem 56 metros de altura, 126 metros de comprimento e 104 metros de largura” (Ibid.);

Há um leque imenso de agremiações no interior do pentecostalismo brasileiro; no interior da terceira onda, há também um leque de instituições diferentes. Todas elas concebem o Espírito Santo e os demônios de um determinado modo, ao mesmo tempo que é possível encontrar muitos pontos em comum no modo de concebê-las. Por isso a escolha de uma instituição: a Igreja Universal do Reino de Deus. Através dela que será realizada a referida descrição.

3 MANIQUEÍSMO NEOPENTECOSTAL

Neste capítulo realizaremos uma descrição do Espírito Santo e dos demônios, tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus. Dentro do pentecostalismo brasileiro não há uma unanimidade no modo de se pensar os referidos entes, de modo que não necessariamente diferentes igrejas concordem entre si. Há uma dificuldade entre estudiosos em produzir uma classificação de um movimento tão heterogêneo. Delimitar a análise à IURD, torna possível um maior grau de precisão na referida descrição.

Embora a descrição se refira a dois entes sob o viés da instituição, sua compreensibilidade só é possível com a descrição de outras noções correlatas. No parágrafo 18 de *Ser e Tempo*, Heidegger aborda a noção de referências como constituinte do ser dos entes: para que o lápis seja compreensível enquanto tal, não nos referimos a um objeto que se manifesta em meio a um imenso vazio; ele surge no interior de um contexto que possivelmente solicite seu uso, seja em um escritório ou uma sala de aula. Podemos associá-lo a uma série de outros objetos de escritório, como caneta, papel sulfite e régua, pois sabemos que é um objeto usualmente encontrado nesse ambiente, lugar em que o exercício da escrita é comum. Nos surpreenderíamos em encontrar um lápis dentro de um saco de arroz, mesmo não sendo impossível. Mas se encontrássemos dentro do bolso da calça, não. Sabemos que na ausência de um lápis, podemos escrever com uma caneta. Sabemos que, na maioria das vezes, o lápis é feito de madeira, e que, portanto, foi necessária uma árvore ser cortada para a sua fabricação. É possível descrever a rede de possíveis referências infinitamente, mas o que importa nessa descrição é que o modo de acesso aos entes em sua imediatidade nunca se dá isolando-o de todo o resto. A rede de referências faz parte da significação do ente, pois o ente sempre surge no interior de um campo de manifestação e apenas na totalidade desse campo que se faz compreensível. Sem essa rede de referências, é impossível conceber seu sentido. Ao realizarmos a descrição do Espírito Santo e dos demônios, faremos em referência a um campo de manifestação tornada possível pela Igreja Universal do Reino de Deus, pois é impossível uma significação dissociada desse campo.

Os juízos prévios do autor serão deixados de lados, para realizar uma descrição que dê acesso à plausibilidade desse campo de manifestação. Podem

haver críticas do conteúdo da descrição, acusando-as de intolerância religiosa e moralista, mas o capítulo não entrará nesse mérito.

O que importa é o acesso à coerência interna desse modo de se relacionar com o mundo, pois há um número cada vez maior de pessoas que orientam suas vidas cotidianas a partir das premissas propagadas por essa instituição. É necessário entendermos essa visão de mundo, pois não se trata apenas de uma dentre as várias maneiras de conceber as coisas, e sim de um fenômeno atual e com impactos significativos na sociedade brasileira.

3.1 O ESPÍRITO SANTO

No primeiro capítulo de Atos dos Apóstolos, livro do Novo Testamento que dá continuidade ao Evangelho segundo Lucas, Cristo alerta antes de subir aos céus, a seus discípulos que eles serão batizados com o Espírito Santo⁴. No segundo capítulo de Atos é descrita a concretização dessa profecia, de modo que no dia de Pentecostes, preenchidos pela graça do Espírito Santo, os apóstolos ganham a faculdade de falar outras línguas:

Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar.
De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam.
Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles.
Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. (Atos 2:1-4)

Após o estrondo descrito acima, uma série de pessoas se mobilizou para entender o que havia acontecido, e todas ficaram surpresas por conseguirem compreender a língua dos apóstolos e, assim, ouvirem o anúncio das maravilhas de Deus. Portanto, o batismo do Espírito Santo anunciado por Cristo permitiu que os apóstolos falassem outras línguas, tornando possível o processo de evangelização para outros povos. A propagação do evangelho é representada pela caminhada de Jerusalém até Roma, como relatado em Atos. Além disso, o Espírito Santo agiu através dos apóstolos para realizar curas milagrosas. No capítulo III do mesmo livro,

⁴ Enquanto Evangelho segundo Lucas relata o caminho de Jesus, o Atos dos Apóstolos relata o caminho da igreja. A autoria de ambos os livros é atribuída a Lucas, o médico que acompanhou Paulo, e segundo o autor, as obras retratam o processo de evangelização iniciado com Cristo e que teve continuidade na atividade missionária da Igreja.

Pedro e João, ao avistarem um coxo que pedia esmolas na porta do templo, pediram ao homem que levantasse e começasse a andar, e, uma vez o milagre realizado, este passou a segui-los.

Mesmo hoje, o batismo do Espírito Santo é encarado pelo crente da Universal como condição necessária para ser reconhecido como um verdadeiro cristão. Através do batismo é que o Espírito Santo passa a estar presente na vida do crente, pois “ser cristão sem o batismo com o Espírito Santo é como seguir uma religião sem o conhecimento de causa” (MACEDO, 2002, p. 114). Exige-se do crente uma total entrega a essa entidade, para que este sirva “como instrumento nas mãos do Espírito Santo” (MACEDO, 2002, p. 108).

No livro O Espírito Santo, há uma descrição da Santíssima Trindade, de modo a tornar o Espírito Santo compreensível para o leitor. Para falar do Espírito Santo, ele se refere a outras duas entidades, sem as quais, a noção de Espírito Santo se esvazia em sua significação. Jesus Cristo foi batizado nas águas do Rio Jordão⁵, vê o Espírito Santo descendo como pomba e ouve Deus falando dos céus, como segue no relato em Mateus 3.13-17:

Então veio Jesus da Galiléia ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele.
Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?
Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu.
E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.
E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

Ao citar essa passagem, o bispo se refere às três partes da Santíssima Trindade, que são as três manifestações do mesmo Deus: o Deus-filho, que foi batizado nas águas; o Deus-pai, que fala dos céus e o Deus-Espírito Santo, que desce em forma de pomba. Embora manifeste-se de três modos diferentes, mantém-se uma unidade nessas três formas, todas elas se referindo a Deus. O Deus-Espírito Santo, é, ao mesmo tempo, o Deus-pai e o Deus-filho. Ele é o canal de manifestação dessas duas entidades, por isso a ênfase nesse ente. Do mesmo modo que Deus-pai enviou Deus-filho ao povo escolhido, o Deus-filho envia o Deus-Espírito Santo para que seja aceito nos dias de hoje.

⁵ Mesmo rio em que Jair Bolsonaro recebe o batismo nas águas, realizado pelo Pastor Everaldo, da Assembleia de Deus.

O batismo implica em uma incondicional entrega ao Espírito Santo, pois se tornar instrumento do Espírito Santo implica em ter a existência orientada por uma razão suprema e inquestionável, afinal, Espírito Santo é ao mesmo Deus e Jesus Cristo. Se Espírito Santo também é Deus, deixar que o Espírito Santo atue sobre sua vida implica em também aceitar que uma entidade onipresente, onisciente e onipotente atue sobre ela. A crença na manifestação do Espírito Santo nos dias de hoje, da maneira análoga à descrita na Bíblia, onde o crente que receber o batismo passa a falar outras línguas e a realizar milagres, é um elemento distintivo do pentecostais.

Aqueles que obedeceram a Palavra de Jesus e se reuniram naquele lugar, foram cheios do Espírito Santo. Hoje, em nossos dias, se tivermos a mesma sede em O buscarmos, os dons do Espírito virão sobre nós. (BEZERRA, 2018, não p.)

Pensar o Espírito Santo no interior da teologia da Igreja Universal do Reino de Deus, é se referir a algo que atua “na vida do cristão de uma maneira concreta e permanente” (MACEDO, 2002, p. 11), de modo que haja uma aceitação dessa entidade em sua plenitude, o que implica também em uma total entrega a Deus e a Jesus Cristo. Para os seguidores, não se trata de constructos teóricos os quais nos relacionamos a distância, mas orientações a partir dos quais as existências do crente se performatiza.

O testemunho da empresária Cibele (2018) no canal do YouTube da Igreja Universal do Reino de Deus ilustra bem isso. Ela relata que era muito revoltada na adolescência e que tivera vários relacionamentos, ao ponto de suspeitar que estava infectada com o vírus HIV. No seu relato não fica claro se ela estava realmente infectada ou não, mas isso a afetou de um modo que cogitou suicidar-se. Tudo muda quando conhece o Espírito Santo, de modo que ela chega à conclusão de que todo vazio que tivera durante a “infância, todos os problemas foi a falta do Espírito Santo”. A partir do momento em que ela se entregou a essa entidade, passou a olhar para tudo o que sofreu no passado de uma outra forma, e alcançou uma “paz” inabalável, de modo que “não importa a luta que esteja passando, não importa os desertos, não importa nada”. Há milhares de discursos análogos a esses no canal do YouTube da instituição, que também são comuns nos cultos, onde o pastor leva algum crente ao palco para relatar seu processo de transformação. É uma demonstração de que o

sacrifício que o crente da Universal realiza tem resultados, de modo a atrair novos adeptos.

A ação que exige mais dos adeptos e que é alvo de várias polêmicas, são as ofertas e o pagamento de dízimos. Enquanto os dízimos se referem ao pagamento de uma porcentagem fixa da renda do fiel, as ofertas são doações para além dessa taxa fixa. A Igreja Universal reconhece o caráter polêmico dessa prática, e constrói uma retórica que procura desconstruir os críticos:

O Espírito Santo tem permitido que passemos por tribulações mil, a fim de provar a nossa fidelidade para o nosso Senhor Jesus. Um exemplo disso é exatamente os dízimos e ofertas, pois sabemos que os dízimos significam a fidelidade para com o Senhor. É claro que Deus não precisa dos dízimos, pois não come não bebe, não paga aluguéis, etc. Ele não precisa manusear dinheiro ou coisa parecida, porque é Espírito. Porém, quando alguém se propõe a obedecer a Sua Palavra e pagar os dízimos, está nada mais, nada menos do que reconhecendo Jesus como o Senhor de todas as suas coisas, isto é, que o Senhor lhe deu o que tem e que por causa disto devemos devolver-Lhe a decima parte para o desenvolvimento da Sua Obra ou do Seu Reino aqui na Terra. Isto é fidelidade a Deus! (MACEDO, 2002, p. 61)

Enquanto o dízimo representa a fidelidade a Deus, as ofertas representam o amor. Embora haja uma importância de cumprir à risca o pagamento do dízimo, o crente só prova seu amor dando de bom grado o além do estabelecido. Embora haja um sacrifício, há razões para o crente estar feliz em realizar esse gesto, pois coisas boas retornarão a ele em decorrência desse amor e fidelidade a Deus. Mas o bispo ressalta que não basta o amor e a fidelidade estarem presentes apenas enquanto coisas boas virem, “porque é muito fácil demonstrar fidelidade enquanto tudo vai bem” (MACEDO, 2002, p. 62). Manter a fidelidade e o amor mesmo nos momentos ruins, é uma forma de provar a autenticidade dessa entrega ao Espírito Santo; portanto, todo e qualquer sofrimento na vida do crente não implica necessariamente no abandono do Espírito Santo, de modo que não há razões para desacreditar nas premissas da Igreja em decorrências desses inconvenientes.

3.2 OS DEMÔNIOS

Como você caiu dos céus,
ó estrela da manhã, filho da alvorada!
Como foi atirado à terra,
você, que derrubava as nações!
Você, que dizia no seu coração:
"Subirei aos céus;
erguerei o meu trono
acima das estrelas de Deus;
eu me assentarei no monte da assembleia,

no ponto mais elevado do monte santo. Subirei mais alto
que as mais altas nuvens;
serei como o Altíssimo". Mas às profundezas do Sheol
você será levado,
irá ao fundo do abismo! (Isaías 14:12-15)

A passagem acima, do livro de Isaías, refere-se a Lúcifer, o “anjo decaído”. Aquele que ocupou uma posição de destaque em relação aos demais anjos, foi expulso dos céus por Deus em decorrência de seu orgulho. Ao pôr em jogo as qualidades de Deus se projetando acima dele, perde sua qualidade de anjo e passa a ser a origem de todos os males, ao descer a Terra. Não haveria possibilidade de Lúcifer concretizar suas aspirações, pois é inconcebível a qualquer um estar acima de Deus; caso fosse, o Cristianismo deveria ser repensado em todas as suas bases. Mesmo assim, Lúcifer foi punido e passou a encabeçar a batalha contra Deus e seus anjos, originando todo o mal na Terra.

Lúcifer não foi expulso sozinho, junto com ele veio uma legião de outros anjos, que “desprovidos do amparo divino”, “passaram a viver errantes à procura do que fazer” (MACEDO, 1984, p. 25). Referidos como anjos sem corpos por Edir Macedo (1984, p. 21), seus alvos preferenciais são seres humanos, sobre os quais exercem toda uma série de males.

Os demônios, em sua maioria, personificam os males. Atuam como espíritos sem cor, sem sexo, sem dimensões, enfim, sem corpos. Procuram seres vivos para através deles se exprimirem e o homem e o seu principal alvo. Não possuem corpos, daí viverem se apossando daqueles que não tem cobertura de Deus; são inimigos de Deus e do homem, por ser este a coroa da criação divina. Possuem os homens não somente para afasta-los de Deus, mas também porque desejam se expressar no mundo físico em que vivemos. São entidades espirituais que atuam organizadamente tendo Satanás por chefe. A humanidade tem sido constantemente atingida e destruída pela sua ação; são mensageiros de Satanás.

Embora haja em nome de Lúcifer, Satanás, Diabo, ou seja, o nome dado a esta entidade, é também através deles que se espalha o mal no mundo, encontrando em cada homem um alvo privilegiado através do qual pode agir. A “cobertura de Deus” serve como uma espécie de proteção contra essas entidades; considerando o Espírito Santo também Deus e o enviado de Jesus Cristo, é através dele que é possível se proteger dos agentes de Satanás.

Entidades de religiões mediúnicas são modos de manifestação dos demônios. Na introdução do livro “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?”, de Edir Macedo, ele dedica a obra a todos “os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil,

porque eles, mais que todo mundo merecem e precisam de um esclarecimento” (MACEDO, 1984, p. 12) pois, para o líder da Universal, os demônios engana-os ao se passarem pelas entidades mencionadas no título no livro. Embora, também na introdução, o texto afirme não ter nenhum teor discriminatório, a justiça determinou a retirada da circulação, suspensão da tiragem e o recolhimento de todos os exemplares do livro, com base na acusação de ferir contra a liberdade religiosa de adeptos de religiões de matriz africana. No ano seguinte, porém, a justiça libera a venda de exemplares do volume.

Os demônios se manifestam “desde o princípio e nas religiões mais remotas como vedismo, o bramanismo e o hinduísmo (2000 a. C.)” (MACEDO, 1984, p. 15); Macedo também cita religiões babilônicas, egípcias e as nativas da África. Hoje em dia, religiões de matriz africana, como Candomblé e a Umbanda, o kardecismo e o catolicismo são canais de manifestação dessas entidades maléficas.

Na igreja onde sou pastor, temos centenas de ex-pais de santo e ex mães de santo que foram enganados pelos espíritos malignos durante anos a fio. Depois de assistirem a uma de nossas reuniões, levados pelos programas de rádio ou televisão ou por alguém que já frequentava nossos cultos, transforma-se em novas criaturas. (...) Sim meu amigo, essas pessoas encontraram em Jesus Cristo única e verdadeira fonte de poder. Deram fim a uma vida de opressão, cansaço e desilusão. Quebraram os gongás, fecharam os terreiros, destruíram as imagens e os objetos fetichistas, adquiriram uma Bíblia onde aprenderam que Deus condena a feitiçaria e proíbe a consulta aos espíritos que dizem ser de pessoas mortas. A maioria desses irmãos trabalha na igreja como obreiro são trabalhadores e trabalhadoras incansáveis na obra de Jesus. Querem que todas as pessoas desse nosso querido Brasil conheçam a verdade acerca dessa praga chamada ESPIRITISMO com os seus diversos rótulos. Você também pode deixar isso de lado e tornar-se uma nova criatura. (MACEDO, 1984, p 18- 19)

O protestantismo da Igreja Universal do Reino de Deus, de acordo com eles mesmos, se sobressai em relação a qualquer outro culto da história da humanidade, enquanto único a conhecer a verdade das coisas e agir de acordo com os desígnios de Deus e Jesus Cristo, enquanto todas as outras são modos de manifestação do Diabo e de sua legião de demônios. Embora haja um caráter sedutor dessas entidades, inclusive, de modo que elas procurem afastar as pessoas da igreja, só através do reconhecimento do Espírito Santo que o homem pode se libertar delas.

Como dito no início do texto, o batismo do Espírito Santo torna possível a realização de milagres e a capacidade de falar outras línguas, mesmo nos dias de hoje. Entende-se por milagre “um feito ou uma ocorrência extraordinária, que não pode explicar pelas leis da natureza” (MACEDO, 1984, p.88), de modo que “coisas

inanimadas receberam uma ação externa e transformaram-se em animadas, tornando-se capazes de receberem ordens” (MACEDO, 1984, p. 90). Atribui-se a cura de doenças a esse dom. Considerando que Deus é a origem da vida, a existência de organismos que causam doenças necessita de explicação. Macedo atribui a vida dos germes e bactérias aos demônios:

A maneira pela qual os demônios causam as doenças não é difícil de entender. Toda doença tem uma causa e essa causa é sempre um bacilo, um germe ou uma bactéria que provoca a destruição dos tecidos. Esse bacilo ou germe se movimenta, age, tem vida. Perguntam: de onde vem a vida desse germe? De Deus não pode ter sido, pois Ele não é destruidor. Para que esse germe se movimente e destrua é necessário que haja uma força dentro dele; um espírito destruidor, e não podemos identificá-lo com nenhuma outra coisa senão com um demônio. (MACEDO, 1984, p. 87)

Considerando que Deus deu vida ao homem, que até então era uma substância inanimada, não poderia ser ele a dar vida a organismos que causam doenças, com base nessa retórica. Ao expulsar o demônio do corpo, expulsa-se a doença, portanto, isso é o que torna possível os milagres. A Igreja Universal se coloca em pé de igualdade em relação à medicina e farmacologia no que diz respeito ao tratamento de doenças. Reconhece-se, porém, que o crente deve ter cuidado com sua saúde e se alimentar bem para não contrair doenças.

Há doenças de outra ordem que, apesar dos sintomas, não são passíveis do diagnóstico médico, e mesmo com encaminhamento ao psicólogo ou ao psiquiatra, permanecem sem solução: Macedo chama-as de “doenças espirituais” (MACEDO, 1984, p. 89), responsabilizando os demônios pelo seu surgimento. Mas diferente de qualquer outra doença, em que o demônio se manifesta através da ação de germes e bactérias, nessa categoria de doenças, não é necessário usar esses organismos como intermediários. Aqueles que se envolvem com exus, caboclos e outros guias, frequentando cultos de religiões mediúnicas, estão sujeitos a passar por esse tipo de sofrimento.

Os demônios também se alojam no sistema nervoso do homem e daí poderem dominá-lo completamente; dirigir-lhe os passos, as emoções e até as palavras. Na verdade eles sempre começam por atacar os nervos e em seguida vão chamando outros espíritos para se alojarem em outras partes do corpo. (MACEDO, 1984, p. 60)

Macedo cita casos noticiado em jornais, que chamam a atenção pela brutalidade do assassinato, como exemplos da ação dos demônios: de uma criança que levou um golpe na cabeça com um pedaço de pau, em decorrência do choro; de

outra, que também pelo choro, levou golpes de faca do pai; e de um motorista que sacou uma arma em uma briga de trânsito. Há subdivisões no capítulo “sinais de possessão” (MACEDO, 1984, p. 60), a que citação acima está inserida, que se referem a cada um dos sinais possíveis do sujeito possesso pelo demônio: nervosismo, dores de cabeça, insônia, medo, desmaios constantes e desejo de suicídio.

3.3 COMO IDENTIFICAR O ESPÍRITO SANTO E OS DEMÔNIOS?

A descrição acima referente ao Espírito Santo e aos demônios passa a impressão de que há uma indubitável clareza na distinção entre essas duas entidades, de que é impossível confundi-las entre si. Enquanto a primeira é fonte de toda a justiça, a última é a causadora de todos os males do mundo. Deus e o Diabo são figuras dicotômicas em todos os segmentos do Cristianismo. Há, porém, uma especificidade no modo de Igreja Universal do Reino de Deus conceber esses entes: mais correspondente com a cultura brasileira, seu alvo privilegiado são cultos de matriz africana.

No entanto, após um exame mais detido, essa distinção não é tão clara na própria descrição. Ao falar do preto-velho (de acordo com a Universal, um dos modos do demônio se manifestar) agindo sobre a vida da pessoa, não vemos um idoso negro fumando um cachimbo agindo maldosamente sobre aquele que está sobre seu domínio; há um grau maior de complexidade no diagnóstico do demonismo. Mesmo o Espírito Santo, cujo batismo é condição necessária para se tornar um verdadeiro cristão, não possui forma física tão clara. De acordo com Macedo, ele se manifesta simbolicamente de várias formas, embora não seja objeto de adoração:

1. Rios de água viva - João 7.38
2. Vento - João 20.22
3. Fogo - Êxodo 13.21
4. Óleo - Êxodo 29.7
5. Línguas - Atos 2.8
6. Orvalho - Salmos 133.3
7. Pomba - Mateus 3.16
8. Selo - 2 Coríntios 1.22
9. Chuva - Oséias 6.3 (p. 37)

A IURD defende uma aceitação incondicional do Espírito Santo, para que essa entidade aja sobre a vida do crente. A expressão usada para descrever essa relação, como descrito acima, é “servir como instrumento”. No entanto, essa expressão, embora não usualmente usada pela Igreja Universal, também é passível de

representar a relação do fiel com o demônio. Como saber se estou sendo instrumento do Espírito Santo ou do Diabo?

A relevância de Paul Ricoeur para o trabalho se dá em função do problema descrito acima. A noção de símbolo, como demonstrado no capítulo 1, é de fundamental importância. Retomando de maneira sucinta, entenda-se por símbolo, toda aquela estrutura de significação em que um sentido oculto se dissimula sob um sentido aparente. Há, portanto, um caráter simbólico das manifestações descritas pelo neopentecostalismo da IURD: por detrás dos diferentes domínios da vida cotidiana, o Espírito Santo e os demônios se manifestam. Nos acontecimentos do plano material, há um correspondente no plano espiritual.

Em toda modalidade simbólica, há um correlato interpretativo: para acessarmos determinados sentidos ocultos através dos aparentes, é necessária uma razão interpretativa correspondente. Ao nos debruçarmos sobre esse problema - como identificar o Espírito Santo e os demônios - descreveremos a razão que fundamenta essa interpretação.

Retomemos a pergunta acima: como saber se estou sendo instrumento do Espírito Santo ou do Diabo? A resposta mais evidente é possível através dos frutos que se extrai da relação. Se coisas boas vierem, foi ação do Espírito Santo; se coisas más, dos demônios. Macedo lista os nove frutos do Espírito Santo, cuja manifestação em nossas vidas é Jesus “andando com nossos sapatos, vestindo a nossa roupa, falando, ouvindo, vendo; enfim, participando do nosso cotidiano” (MACEDO, 2002, p. 41): amor, paz, alegria, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Doenças, dores de cabeça, ideações suicidas, fracasso profissional, dificuldades financeiras, desgaste nas relações amorosas e profissionais, por sua vez, são exemplos de sinais de manifestação dos demônios.

A fim de ilustrar de que modo operam os frutos do Espírito Santo, usaremos um fruto como exemplo. A alegria, de acordo com Macedo, se tornada possível através do Espírito Santo, “é algo que brota dentro do infinito dos nossos corações e perdura por toda a eternidade” (2002, p. 51); não se deve confundir essa modalidade de alegria, com aquela manifestada através das manifestações mundanas (a tornada possível através da imaginação, de uma piada, de um estado de embriaguez e etc.). Enquanto a última é uma alegria passageira, que uma vez esgotada, resta apenas a solidão e a dor; a primeira é um “estado permanente de graça diante do Senhor” (Macedo, 2002, p. 52). Apenas aqueles que a experimentam, de acordo com o líder

da Universal, entendem do que se trata esse fruto; mas para experimentá-la, é necessário um esforço por parte do crente.

Há um problema nessa resposta. Como Macedo mesmo diz, não basta se entregar ao Espírito Santo apenas quando as coisas boas virem; é necessário ter fé, mesmo em momentos de dificuldade, de modo a provar a solidez de sua devoção à igreja. O Espírito Santo não te abandona se você não o abandonar. A imagem usada para descrever os frutos do Espírito Santo é a da colheita: quando você planta algo, os frutos não surgem imediatamente; é necessário um cuidado constante com a plantação para colher bons frutos. Mesmo diante de dificuldades financeiras, isto não necessariamente é um sinal da ação dos demônios na vida do crente.

O grau de disciplina do fiel aos princípios da igreja é um importante indicativo, mas também não basta. Pagar os dízimos e as ofertas, seguir as diretrizes da igreja, não é o suficiente. Todas essas coisas devem ser feitas em função da entrega ao Espírito Santo:

Nós temos visto muitos cristãos sinceros fazendo um esforço sobrenatural para manter as suas vidas dentro do padrão bíblico, porém tem sido em vão. Na verdade, se com o batismo no Espírito Santo já não é fácil vencer as tentações e manter o testemunho fiel, imagine sem o batismo! Porque, na realidade, muitos procuram se esquivar dos problemas, das tentações, não por uma questão de obediência à Palavra de Deus, que diz que devemos fugir do mal, mas por medo de tropeçar e cair. Ora, se o medo existe, é porque há fraqueza, e se há fraqueza, é porque existe a necessidade de um revestimento de poder (p. 107)

O determinante para que o Espírito Santo aja sobre sua vida é crer que coisas boas virão, apesar de tudo. Quando elas virem, haverá o elemento que fundamentaria o referido diagnóstico. É necessário, portanto, seguir de boa vontade (ou com amor) e à risca as diretrizes da Igreja, mesmo suportando os eventuais reveses, pois no futuro virão as recompensas. Estas recompensas que são a prova da manifestação do Espírito Santo.

A finalidade dos testemunhos é o relato das recompensas após todo o esforço empreendido. Nos cultos da Universal, há o momento em que algum fiel sobe ao palco, relatando sua desconfiança que nutria em relação à instituição, mas que após frequentar os cultos desapareceu, pois, sua vida começou a se transformar significativamente. Não se trata de relatos isolados⁶, mas de narrativas que são

⁶ Não importa, para a proposta do capítulo, se se trata de uma encenação ou não.

reproduzidas em diversos cultos em diversas igrejas do país, além dos veiculados no canal do Youtube da instituição.

Utilizemos o testemunho da Andressa Urach (2015) no Templo de Salomão, disponível no canal do YouTube da Igreja Universal do Reino de Deus, para ilustrar a estrutura dessa narrativa: do crente que desconfiava da instituição, para depois reconhecer seu preconceito e ser salvo pela igreja. Ex-participante da Fazenda, participante do concurso Miss Bumbum, dançarina do programa Legendários, um episódio marcante envolvendo o nome de Andressa Urach e que foi noticiado por diversos veículos de imprensa foi a infecção causada pela aplicação de hidrogel nas coxas. Com a finalidade de dar volume às coxas, a fim de ter um corpo esteticamente adequado aos programas de TV (onde há uma nítida objetificação do corpo da mulher), a ex-dançarina teve que passar por uma série de cirurgias. E é sobre esse episódio de que trata seu testemunho. Ela inicia seu relato afirmando que, quando criança, sua família frequentava a igreja, mas acusava-os de dar dinheiro para ladrões. Durante toda sua vida, frequentou baladas, teve uso abusivo de drogas (em dois episódios, ela afirma, quase morreu de overdose), esbanjou riqueza e etc., mas nunca esteve em contato com o Espírito Santo. Foi quando o Diabo agiu sobre sua vaidade, que ela teve o momento mais dramático de sua vida: por sonhar em trabalhar na televisão, ela realizou a cirurgia, para ter um corpo de “gostosona”. Ela cita outra série de cirurgias plásticas que realizou por nunca se sentir bonita, mas também causado por um abuso que sofreu quando criança por seu avô. Conforme o hidrogel começou a infeccionar, ela foi obrigada a realizar uma série de cirurgias, pois o líquido não pôde ser totalmente extraído de uma vez. Ela relata, bastante emocionada, que sentiu uma dor insuportável, que esteve em coma por três dias, e seu sistema respiratório e seus rins pararam de funcionar. Na cama do hospital, em um grande estado de desespero, Andressa pede para aderir a igreja, e a partir de então, os pastores e obreiros passam a orar no quarto de hospital. Ela passa a ouvir a bíblia pela internet, de modo que Deus começa a tocar seu coração, passa a pedir perdão por tudo o que fez, e pede para que sua vida seja entregue a Jesus Cristo.

O saber da Igreja Universal do Reino de Deus se distingue dos saberes de qualquer ciência moderna, justamente pela ciência pressupor a capacidade de qualquer sujeito produzir conhecimento ou refutar os estabelecidos. Como não há clareza no “método” neopentecostal, cabe aquele que se orienta por esses saberes acreditar na autoridade da instituição. No testemunho relatado acima, há um momento

em que o pastor interrompe: ele afirma que um dos modos do Diabo se manifestar, através dos artistas, quando afirmam que não se arrependem de nada do que fizeram; Andressa, ao contrário, se envergonha das coisas que fez, sendo este arrependimento uma das marcas do Espírito Santo. Nessa interrupção, há uma interpretação (de uma simbólica) realizada pelo pastor, identificando no dado no discurso de Andressa, onde está o Diabo e onde está o Espírito Santo.

Há uma plausibilidade na interpretação do pastor, mesmo não havendo um “método” claro que oriente o diagnóstico realizado no seu discurso, uma vez que ciência e fé são saberes de naturezas diferentes. Há uma pressuposição que sustenta todo esse sistema de saberes: a existência de Deus. Considerando que Deus é a autoridade absoluta e origem de todas as coisas, agir de acordo com seus princípios é agir de acordo com essa razão suprema e que nos ama.

Mas ainda resta a questão: como a Igreja Universal do Reino de Deus têm acesso aos princípios dessa razão suprema? Aquele que adere aos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus e permanece pagando o dízimo e confiando na ação do Espírito Santo, é aquele que acredita haverá transformações benéficas em sua vida apesar de todos os sacrifícios, tal como está colocado nos incontáveis testemunhos. Não há indicações precisas para identificar a ação do Espírito Santo, no final das contas, a adesão crente se dá em função da fé na autoridade da instituição.

4 IMPLICAÇÕES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Ao descrevermos o Espírito Santo e os demônios tal com concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, não nos mantivemos circunscritos a esses dois entes tomados isoladamente. Realizamos a descrição em referência a um campo de manifestação em que esses dois entes são possíveis. Por isso a necessidade da fenomenologia e da hermenêutica. No presente capítulo, não haverá um abandono dessas disciplinas, embora uma leitura superficial passe essa impressão.

No capítulo anterior, buscou-se uma plausibilidade do campo de manifestação neopentecostal, de modo a tornar compreensível o modo de se orientar no mundo daqueles que consideram fidedigno o discurso da IURD. Neste capítulo, o movimento será outro: ele partirá da crítica desse campo de manifestação, para acessar sentidos outros que nos permita acessar domínios inexplorados da compreensibilidade do fenômeno em questão. Enquanto no primeiro buscou-se acessar a plausibilidade para compreender, neste, buscará realizar a crítica, para também compreender.

Ricoeur entende a crítica como uma etapa fundamental para a compreensão dos símbolos. Vivemos em uma época em que a transformação orientada da natureza através da técnica nos obrigou a uma objetividade e clareza na produção do conhecimento, que de algum modo, reduziu a polissemia da linguagem, revelada no símbolo. O sentido oculto encontrado no símbolo, acessado através do manifesto, revela o caráter polissêmico da linguagem: no mesmo texto, é possível acessar mais de um sentido. Essa redução, “esse esquecimento, sabemo-lo, é a contrapartida da grandiosa tarefa que é alimentar os homens, satisfazer as necessidades dominando a natureza mediante uma técnica planetária” (RICOEUR, 2013, p. 367). O grande legado dos modernos é descortinar a realidade de toda as narrativas fantásticas e elementos mágicos, em nome de um método preciso na produção do conhecimento e que torne possível uma técnica correspondente, tornando possível uma transformação da realidade. Afinal, “algo está perdido, irremediavelmente perdido: a imediatidade da crença” (RICOEUR, 2013, p. 368).

O presente trabalho, enquanto produção acadêmica, é filha do seu tempo. No capítulo anterior, nos propusemos a realizar uma análise descritiva do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, não entrando no mérito de sua real existência ou não; em um exercício de honestidade intelectual, porém, devemos confessar não acreditar nesse sistema de saberes em

sua literalidade. Reconhecendo isto, devemos nos posicionar de alguma forma em relação a essa cultura neopentecostal. Se não acreditamos na literalidade dos símbolos, nos resta acessar o neopentecostalismo da IURD também através da crítica.

4.1 DE ONDE PARTE A CRÍTICA?

A grande contribuição de Dilthey para a fenomenologia, é considerar a história como condição fundamental de toda e qualquer interpretação, pois “antes da coerência de um texto, vem da história, considerada como o grande documento do homem, como a mais fundamental expressão da vida” (RICOEUR, 1977, p. 23). Ao acessarmos a significação de um texto, é necessário uma série de orientações prévias dadas historicamente. O Espírito Santo só é passível de compreensão em relação ao Cristianismo; o culto a Jesus Cristo se trata de uma manifestação religiosa que surgiu em determinado lugar histórico e que desde então vêm se desenvolvendo. A linguagem é outro exemplo de orientação prévia dada historicamente, afinal, sem ela não compreendemos um texto. O correlato intencional no qual é possível a existência, o aí em que o ser-aí está incessantemente lançado e que o constitui a cada vez, não é nada mais do que orientações históricas dadas previamente. Não somos nada antes desse horizonte impessoal que nos determina.

O bem e o mal só são compreensíveis enquanto tais no interior dessa malha compreensiva tornada possível pelo encadeamento histórico. A moral não é criação de uma individualidade ensimesmada e alheia ao mundo que se orienta a si mesma a partir de um sistema auto-criado; ela constitui-se de noções que orientam nossas condutas em torno de um certo e um errado. Por mais repulsa que eu possa sentir em realizar um homicídio, matar pessoas é algo condenável, não importa se eu tenha repulsa ou não. Evidentemente que não se trata de noções absolutas e incontestáveis, e sim de sistemas que variam de acordo com o horizonte histórico dado.

A contribuição de Nietzsche para a discussão da moral é fundamental, por reconhecer a história como elemento indispensável de análise. Ele investiga de que modo o “bom” e “mau” é concebido nas mais diversas línguas:

Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem-nascido”,

“espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim” (NIETZSCHE, 2009, p. 18)

Com o declínio da aristocracia, embora a terminologia adotada perdesse o sentido enquanto delimitação de classes, as noções correlatas a esses dois termos permaneciam na língua. O “bom” deixa de se referir àqueles indivíduos determinado estrato social, uma vez que a nobreza desaparece, para se referir a determinadas qualidades que caracterizavam esse grupo. O que torna a moral como derivação da relação nobre-plebeu, é aquele que institui na linguagem o “bom” e o “mal”: no caso, a aristocracia, que na auto-designação de seu modo de vida se coloca em uma relação de superioridade. Na raiz do surgimento da moral, está a produção de uma relação de domínio. Há uma relação de poder instituída a partir da moral, onde se reproduz no campo dos valores a demarcação de classes e o domínio que uma exerce sobre a outra.

É entendendo a moral instituidora de uma relação de poder, que se fundamentará a crítica deste capítulo. A descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como concebidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, são elementos constituintes de uma moral. No interior do campo de manifestação a que o trabalho se debruça, temos aquele que deu origem a todas as coisas e que age continuamente em nossas vidas, basta que o aceitemos através do Espírito Santo; no polo oposto, aquele que almejou estar acima do fundamento absoluto, mas foi expulso dos céus e levou junto consigo outros anjos, pervertendo a harmonia do mundo e dando origem a todo o mal que possa nos afligir. A ação dessas duas entidades está presente em diversos domínios da vida cotidiana e da cultura, orientando a conduta dos crentes da IURD. No capítulo anterior, embora ainda não se realizasse uma análise crítica do horizonte de manifestação da Igreja Universal do Reino de Deus, chegou-se à conclusão de que não há um método preciso para identificar em que domínios da vida o Espírito Santo e os demônios agem; era necessário ter fé na autoridade da instituição, para que ela realizasse o referido diagnóstico. Neste capítulo, discutiremos as implicações da existência dessa instância que institui a referida moral; discutiremos de que modo a Igreja Universal do Reino de Deus produz uma relação de domínio sobre aqueles que se orientam sob sua moral.

4.2 MODO DE FUNCIONAMENTO DA MORALIDADE NEOPENTECOSTAL

Embora o comportamento dos crentes seja agressivo, atacando terreiros ou agredindo membros da comunidade LGBT, não é esse o *modus operandi* da instituição. O caráter de dominação da moralidade da Igreja Universal só se efetiva na conversão. A conversão implica na reprodução desse sistema moral por parte dos novos crentes, pois só assim é possível a relação de domínio; o candomblecista que questiona essa moral, não se orienta sob as determinações dadas pela Igreja Universal do Reino de Deus, e, portanto, ele não está submisso a essa moralidade. A Igreja Universal do Reino de Deus preocupa-se em trazê-los ao neopentecostalismo, entendendo isso como uma salvação. Não é de interesse mantê-los longe. Na introdução ao livro *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* há um chamado para adeptos de religiões afro-brasileiras:

Dedico este obra a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil, porque eles, mais que todo mundo merecem e precisam de um esclarecimento. São sacerdotes de cultos como UMBANDA, QUIMBANDA e CANDOMBLÉ e que estão na maioria dos casos bem intencionados. Poderão usar os dons de liderança ou de sacerdócio corretamente, se forem instruídos. Muitos hoje são pastores ou obreiros de nossas igrejas, mas não o seriam se Deus não levantasse alguém que lhes dissesse a verdade (MACEDO, 1983, p. 13-14)

Embora seja encarado como uma maldição, a IURD não fecha as portas para a comunidade LGBT, pois junto com a conversão, espera-se a recondução da sexualidade do crente para uma heterossexualidade normativa. O caso de Ronaldo Ésher ilustra bem o funcionamento desse caráter de dominação. Em entrevista ao programa Pânico, da Jovem Pan, Ésher (2018) afirma que se tornou heterossexual em função da fé que professa e que a Igreja Universal explica que suas relações homoafetivas eram causadas por uma maldição, transmitida hereditariamente por uma mulher casada com seu tio. De acordo com Macedo (1984), embora muitas pessoas não frequentem religiões mediúnicas, o demônio pode se apossar dela, pois o “espírito foi o ‘senhor’ do corpo do pai ou da mãe que faleceu e procura agora se apossar do filho ou da filha para continuar sua obra maligna” (p. 36-37). Quando conheceu a instituição, Ronaldo relata, estava em uma situação muito difícil da sua vida (ele não entra em detalhes), e foi aconselhado por sua mãe, católica, a conhecer a instituição; quando chegou lá, nenhum pastor falou para ele “deixar de ser gay”, mas conforme foi interpretando a fala dos líderes, chegou à conclusão de que repensar sua orientação sexual era o mais adequado.

A descrição do Espírito Santo e dos demônios tal como manifestos pela Igreja Universal do Reino de Deus revela uma moralidade; no interior dela, há âmbitos da realidade cotidiana que devem ser combatidos, pois estão sob o domínio do Diabo e de sua legião de demônios. Isso não significa que a instituição quer indivíduos amaldiçoados pelos demônios distantes da Igreja; ao contrário, ela quer salvá-los. Por isso a centralidade da conversão no *modus operandi* da IURD. Considerando o caráter de domínio, revelada em Nietzsche, presente em toda moralidade, converter implica em cada vez mais indivíduos orientados por esse sistema moral ditado pela IURD.

Um instrumento fundamental para a expansão dessa moral nos mais diversos segmentos da sociedade brasileira são os meios de comunicação. Como descrito no segundo capítulo, essa estratégia teve início nos programas de rádio; conforme se expandia, a instituição tornou-se proprietária de emissoras de rádio, passou a transmitir programas e cultos na televisão, até que finalmente oficializa a compra da Rede Record. É proprietária também da “Folha Universal (jornal com mais de um milhão de exemplares), do diário Hoje em Dia (Belo Horizonte), da revista Mão Amiga, dos jornais Tribuna Universal (Portugal) e Stop Suffering: A New Life Awaits You! (África do Sul)” (MARIANO, 2014, p. 67); além das produções audiovisuais, como as novelas transmitidas pela Rede Record e o filme *Nada a Perder*.

Se a IURD é a instância que institui a moral, colocando aqueles que a ela aderem sob seu domínio, quanto mais indivíduos têm acesso a ela, maior o número de potenciais convertidos. A eficiência dos meios de comunicação para evangelização é nítida: do mesmo modo a propaganda de uma empresa é fundamental para comercializar seus produtos, usar os meios de comunicação para espalhar sua palavra faz com que mais pessoas tenham acesso a essa moral. De acordo com Mariano (2014), a expressiva expansão da IURD em seus primeiros anos, só foi possível graças “à sua eficiência no uso dos meios de comunicação de massa, sobretudo o rádio, veículo no qual sempre fez proselitismo” (p. 66).

4.3 LÓGICA POLÍTICO-ECONÔMICA

Há uma tendência na economia de mercado, em que as empresas expandam sua capacidade produtiva de acordo com a demanda para determinado tipo de produto. Entenda-se economia de mercado, como economias “em que a maior parte da produção é dividida em unidades especializadas - fábricas, fazendas, usinas

hidrelétricas, lojas, companhias de transporte etc. - que vendem o que produzem sob a forma de mercadorias” (SINGER, 1983, p. 11). Há uma quantidade de bens necessários para se produzir um sapato, como os instrumentos que tornem possível sua produção (seja uma oficina ou uma estrutura maquinaria), a matéria-prima correspondente, a força de trabalho do assalariado livre e etc. No modo capitalista de produção, aquele que possui controle dos instrumentos que permitam a produção compra a força de trabalho daquele que efetivamente produzirá o sapato.

É possível pensar a Igreja Universal do Reino de Deus como uma dessas unidades especializadas que comercializa um determinado tipo de mercadoria? Nunca iremos encontrar na literatura gospel ou no discurso de algum pastor, que o dízimo é o pagamento realizado para ter acesso a mercadoria produzida pela instituição. Por isso a referida análise só é possível através da crítica. No entanto, não entraremos no mérito sobre a natureza da mercadoria comercializada pela instituição, pois se trata de uma discussão que demanda bastante tempo e que foge da proposta do presente capítulo. O que interessa para a crítica realizada neste capítulo, resgatando o dito no terceiro capítulo, refere-se ao pagamento do dízimo e das ofertas como condição necessária para se tornar um verdadeiro cristão, pois só a partir deles sela-se um contrato com Deus. Há, portanto, uma transação econômica, envolvendo o crente e a instituição, e sem ela, todos os benefícios do Espírito Santo na vida do crente não se efetivam.

O crescimento exponencial que a instituição teve nos primeiros anos, e que hoje, embora em um ritmo menor, ainda se mantém, só é possível através desses pagamentos. Do mesmo modo que uma indústria se expande em função da lucratividade, permitindo a compra de novos equipamentos aumentando sua capacidade produtiva, a IURD abre novos templos a partir da mesma lógica. Na medida em que mais pessoas tendem a aderir a instituição e pagar o dízimo, mais igrejas têm a oportunidade de surgir.

Como dito acima, a IURD procura converter cada vez mais adeptos, independente de quem seja. Mais indivíduos convertidos implica em mais indivíduos que orientam suas existências em função da moralidade da instituição. O uso dos meios de comunicação e a participação na política partidária são modos de expandir cada vez mais essa moralidade e, portanto, sua capacidade de domínio.

Como afirmado no capítulo 2, conforme a IURD se expandia, surge uma série de denúncias envolvendo a instituição e seu principal líder. Após a prisão de Edir

Macedo, outros líderes neopentecostais, embora concorrentes, prestam solidariedade a instituição. Sob a narrativa de estarem sendo perseguidos, alegando que os evangélicos são alvos de discriminação, fortalece-se a colaboração mútua entre as diferentes denominações, a fim de evitar eventuais processos na justiça.

É reafirmando a narrativa da perseguição aos evangélicos que a igreja incentiva os fiéis a exercerem sua cidadania: “em pleno século XXI, no Brasil, professar essa fé cristã evangélica ainda significa ser vítima de indiferenças e preconceitos, mesmo com as garantias constitucionais de liberdade de culto religiosos” (MACEDO, 2008, p. 35). Do mesmo modo que os hebreus foram perseguidos no Egito, os evangélicos são discriminados hoje. Mas, diferente do Egito, em que o poder era exercido por um monarca indiferente às reivindicações desse povo, no Estado Democrático Brasileiro, todos têm direito a representação. Ao eleger representantes, as reivindicações da classe evangélica poderão se concretizar no plano político.

A proposta do livro *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, é discutir a possibilidade da organização política da massa de evangélicos, que se organizariam em torno do projeto de nação pretendido por Deus. E essa organização se dá dentro da normalidade democrática e em defesa da possibilidade de qualquer grupo poder levantar suas bandeiras:

A participação da população civil nos negócios públicos é muito importante, e estamos tratando de uma participação que vá além da simples sensação de participar. Referimo-nos aos chamados orçamentos participativos via Web, que já é um começo, mas ainda está muito distante do ideal e não deve se limitar aos cliques de teclados. Estamos falando que é preciso discutir os assuntos públicos. Essa participação cidadã deve procurar ser exercitada, pois, à medida que for acontecendo, ela vai produzir maior qualidade a cada participação. O que será, sem sombra de dúvida, bom para a coletividade. O eleitor precisa começar a se ver como o que ele realmente é e representa, ou seja, como soberano. Essa expressão, bem própria do sistema monárquico de poder em nosso sistema democrático eletivo também tem uma aplicação pertinente, pois o cidadão (eleitor) é de fato soberano no que diz respeito ao seu poder de voto. Ele (eleitor) é o mandante, e o que vier a ser mandatário, dependerá dele desde que seu voto faça parte do conjunto de votos da maioria dos soberanos (eleitores), que são os que delegam ou concedem poder. Insistimos em que a potencialidade numérica dos evangélicos como eleitores pode decidir qualquer pleito eletivo, tanto no Legislativo quanto no Executivo, em qualquer que seja o escalão, municipal, estadual ou federal. Mas essa potencialidade depende de cultura cívica, conscientização, engajamento e mobilização. Essa é a fórmula da participação determinante. Os cristãos não devem apenas discutir, mas principalmente procurar participar de modo a colaborar para a desenvoltura de uma boa política nacional, e, sobretudo, com o projeto de nação idealizado por Deus para o Seu povo. (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 24-25)

Na introdução do livro, reconhece-se que a emancipação social só é possível através do conhecimento, permitindo o discernimento de questões referentes à vida em sociedade. É como se o conhecimento permitisse abrir mão de uma série de preconceitos, de juízos referentes ao senso comum, permitindo ao homem emancipar-se. Acontece que o conhecimento não é uno, é possível juízos distintos sobre a mesma questão. Estaríamos tratando de diferentes modos de emancipação? O combate que a instituição tem a religiões de matriz africanas, que também se propõem a fazer juízos sobre a realidade, ou a sexualidade não heteronormativa, indica que nem todo conhecimento é emancipação: ao contrário, indica que aquilo que está sob domínio do Diabo e de sua legião de demônios são efeitos da não-emancipação. Emancipando-se, de acordo com o texto, que se discute questões relevantes para a vida em sociedade, tornando possível a organização de movimentos sociais, que se agrupam em função de alguma bandeira.

Portanto, se o que torna possível a organização política é a emancipação, e uma das condições para a emancipação é o reconhecimento da moral da Igreja Universal do Reino de Deus, os representantes eleitos exercerão sua atividade política em função dessa moral. Na medida em que a instituição é bem-sucedida em converter novos adeptos, maior são os potenciais eleitores de determinado projeto político.

A existência de uma frente parlamentar evangélica na câmara dos deputados é um sinal do relativo sucesso dessa organização política. De acordo com Gonçalves (2019), “toda quarta-feira às 8 horas o plenário 6 da Câmara dos Deputados se converte em igreja”. No culto do dia 27 de março de 2019, relata o jornalista, a deputada e cantora gospel Lauriete Rodrigues (PR-ES) comandava o louvor com seu violão e o deputado e pastor Francisco Eurico da Silva (Patriota-PE) realizou a pregação: nesse dia, após a celebração, elegeu-se o líder da Frente Parlamentar, o pastor Silas Malafaia. A jornalista Andrea Dip (2018) também comenta que as reuniões da FPE se parecem “com qualquer outro culto evangélico” (p. 23).

Defensores da candidatura de Jair Bolsonaro, após a eleição, a frente parlamentar tornou-se crítica do governo, por conta da falta de diálogo. Ameaçaram lançar um manifesto de isenção ao governo, de modo que o deputado Sóstenes Cavalcante (2019) afirmou que a únicas pautas em que a frente apoiaria o governo, seriam as relativas aos costumes. Ou seja, mesmo organizando um boicote, há determinados pontos que não divergirão do governo. E que pautas são essas? Pautas

que se fundamentam nesse sistema moral e que algum modo esteja de acordo com os desígnios de Deus: contra a legalização do aborto⁷, contra a educação sexual e a implementação da cartilha anti-homofobia nas escolas e etc.

No manifesto lançado pela Frente Parlamentar Evangélica em outubro de 2018, logo após o primeiro turno das eleições, o grupo se propõe a “apresentar à Nação brasileira sua contribuição, na forma de uma agenda mínima para que se restitua o Estado ao seu único e verdadeiro dono: o Povo brasileiro” (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2018, p. 1). O texto é estruturado em quatro eixos: modernidade de Estado, segurança jurídica, segurança fiscal e revolução na educação. Enquanto nos três primeiros eixos as propostas possuem um caráter mais burocrático, referentes ao funcionamento da máquina pública, no último eixo fica evidente de que modo essa moral orienta um projeto político:

Libertar a educação pública do autoritarismo da ideologia de gênero, da ideologia da pornografia, e devolver às famílias o direito da educação sexual das suas crianças e adolescentes. Defender o direito à inocência da criança como direito humano universal.

Na verdade, ou temos Escola ou temos Ideologia. São inconciliáveis. Teremos que reinserir a Escola e a Universidade públicas em seu leito tradicional e conservador: ensinar. Assim é desde a Mesopotâmia, considerada o berço da escola mundial. A instrumentalização das escolas e universidades públicas a serviço de ideologias totalitárias e ditaduras comunistas envenenou a alma e o espírito das últimas gerações, e destruiu a qualidade de ensino. (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2018, p. 54-55)

Embora acuse-se cada vez mais as instituições de ensino de promover o que é denominado “ideologia de gênero”, esse termo “não aparece nenhuma vez nos planos de educação, nos Estudos de Gênero, e nunca foi usado pelas ciências humanas” (DIP, 2019, p. 102). A narrativa em torno de uma doutrinação no sistema de ensino que induziria os alunos a serem homossexuais surgiu “no interior de uma parte conservadora da Igreja Católica e no movimento pró-vida e pró-família, que, no Brasil, parece estar centralizado no site de uma organização chamada Observatório Interamericano de Biopolítica” (FURLANI, 2016).

⁷ Em entrevista ao jornal El País, Jacqueline Teixeira (2019) afirma que a pauta da descriminalização do aborto foi defendida pela Igreja Universal do Reino de Deus: “Os primeiros textos que eu mapeei de Edir Macedo sobre aborto foi em 2007. (...) A defesa da descriminalização do aborto neste caso está ligada a um discurso econômico, de controle de natalidade. É daí que vem a discussão dos direitos reprodutivos, e entra o aborto, a pílula e vasectomia”. Desde de 2016, porém, a pesquisadora nunca mais encontrou em textos da Folha Universal ou em blogs de Edir Macedo menções a defesa do aborto.

A Igreja Universal do Reino de Deus, além de incentivar seus seguidores a participar mais ativamente da política partidária, possui íntima ligação com o Partido Republicano Brasileiro: “o partido da Igreja Universal do Reino de Deus, como é conhecido nos corredores da Câmara” (GONÇALVES, 2019). A sigla foi fundada em 2005, quando ainda era denominada Partido Municipalista Renovador (PMR); em 2006 “o partido conseguiu eleger um deputado federal, três estaduais, além de garantir, com José Alencar, a vice-presidência da República, na chapa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva” (AYER, 2018). Na Câmara dos Deputados, a legenda ocupa trinta cadeiras atualmente (oitavo maior partido em número de deputados); no Senado, elegeram apenas Mecias de Jesus, do estado de Roraima.

A grande conquista do partido foi a eleição de 2016 à prefeitura do Rio de Janeiro, onde o bispo da IURD, Marcelo Crivella, conquista o pleito. Ex-ministro da Pesca no primeiro governo de Dilma Rousseff e sobrinho de Edir Macedo, o líder evangélico disputou o segundo turno com Marcelo Freixo (PSOL-RJ), e desde então governa a segunda maior cidade do país. O PRB tentou por eleições seguida a prefeitura de São Paulo, com a candidatura de Celso Russomano, mas nunca alcançou o pleito. Acusado de improbidade administrativa e crime contra a administração pública, foi protocolada em 1 de abril de 2019, pela câmara dos vereadores, o processo de *impeachment* contra Crivella, este que é um grande abalo para o projeto político da IURD.

Descrever o Espírito Santo e os demônios não implica em descrever dois conceitos desconexos; ao contrário, só é possível compreender um em função do outro. Ao concebermos esses dois entes como constituintes de uma moralidade, concebemos também uma relação de domínio exercida pela Igreja Universal do Reino de Deus, enquanto autoridade para diagnosticar quais âmbitos da vida cotidiana estão sob domínios do Espírito Santo e de Deus, e quais estão sob domínio do Diabo e sua legião de demônios. Por isso a centralidade da conversão. Expandir-se economicamente e a consequente participação na política partidária, são modos de expandir sua moralidade e aumentar cada vez mais sua capacidade de domínio. Usando as palavras do próprio Edir Macedo, diz respeito a um plano de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eles estão em todos os lugares. Deus e o Diabo. O Espírito Santo e os demônios. E quando nos referimos a lugares, não nos referimos a pontos específicos do espaço. Os demônios não estão debaixo da cama ou dentro do armário. Eles se manifestam no interior de um campo semântico, onde nossa existência é possível. Tudo aquilo passível de ser compreendido, são referidos como campos de atuação de Deus ou do Diabo. Os demônios não habitam os lugares, eles habitam os sentidos; se habitam lugares, é em função dos sentidos desses lugares. Terreiros, por exemplo, são lugares em que essas entidades têm a oportunidade de agir, não pela estrutura física do lugar onde é realizado o culto, e sim pelo sistema de crenças no qual o culto se estrutura.

Deus e o Diabo se encontram na totalidade do campo de manifestação, em que esses realizam uma incessante batalha: cabe a cada escolher o lado certo. Fé inabalável, coisa de Deus; sinais de dúvida na efetivação das promessas, coisa do Diabo. Cultos da Universal, coisa de Deus; celebrações de qualquer religião de matriz afro-brasileira, coisa do Diabo. E, assim por diante. A realidade se estrutura em função desse plano espiritual, onde acontece a referida batalha. Deus é aquele que torna possível o sentido; o Diabo é aquele perverte a harmonia do sentido.

A proposta deste trabalho foi a descrição desse campo de manifestação, de modo a acessar a coerência interna que estrutura o neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus. Por isso, a relevância da fenomenologia e da hermenêutica filosófica.

Esse sistema de crenças, como a descrição mesma revela, não se trata de saberes inócuos. Não são saberes dissociados da vida, uma formalização teórica da estrutura da realidade. É no interior deles que o crente orienta sua existência. Aquele que têm uma frequência assídua nos cultos da instituição, que compromete suas despesas básicas para pagar o dízimo, que abomina religiões mediúnicas, defensor da família tradicional e que têm repulsa à comunidade LGBTQ+, acessa os sentidos e significados desvelados pela instituição de modo a conduzir sua vida cotidiana em função desses princípios.

Quando nos referimos à estas existências, não se trata de indivíduos ensimesmados cujas ações dizem respeito apenas à sua vida particular. Nenhuma ação, nenhum sentido diz respeito apenas aquele que (supostamente) a propaga. O

sentido já está dado de antemão, ele é compartilhado por outros que se orientam pela mesma malha compreensiva determinada historicamente. A cadeira é compreendida enquanto cadeira independentemente de uma suposta vontade autodeterminada produtora de sentido; seu significado está dado de antemão pelo horizonte histórico onde é possível sua manifestação.

Portanto, o sentido tem efeitos sobre outros indivíduos. Ser fiel ao pagamento de dízimos financia a expansão da instituição permitindo a adesão de novos adeptos; abominar religiões mediúnicas fortalece o estigma que se têm sobre elas e sobre aqueles que a cultuam; defesa da família tradicional se dá em função do combate de outros modos de organização familiar, como a formada por um casal de mulheres, por exemplo.

Acessar a compreensibilidade desses sentidos e significados através de uma análise descritiva, não se dá em função de uma excentricidade, e sim por esse sistema de saberes dizer respeito a todos nós, mesmo que não concordemos. É cada vez mais nítida a influência das igrejas evangélicas, dentre elas a IURD, na sociedade brasileira.

Mesmo na psicologia percebe-se essa influência. Embora não haja uma vinculação direta com a Igreja Universal do Reino de Deus, o episódio referente à ação contra à resolução 01/1999 do CFP é relevante para o assunto em questão. Considerando que a OMS, desde 1990, não considera homossexualidade doença, a resolução proíbe terapias de reversão sexual. Em setembro de 2017, o juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da Justiça Federal do Distrito Federal, acatou parcialmente uma ação popular em que tentava derrubar a resolução do CFP em que se estabelece normas de conduta da atuação do psicólogo frente a questões referente à orientação sexual.⁸

O exemplo da “cura gay” ilustra o movimento anti-intelectualista, descrito na introdução do texto, o qual as igrejas evangélicas de algum modo fortalecem. O mesmo vale para a crença em que doenças de qualquer ordem são efeitos das ações

⁸ Em entrevista à Veja, oito anos antes da tentativa de derrubar a resolução, Rozângela Justino (2009), uma das psicólogas que esteve à frente da ação popular afirma que o conselho era composto por “homossexuais deliberando em causa própria” (p. 15) e que “todos os movimentos de desconstrução social estudaram o nazismo profundamente, porque compartilham um ideal de domínio político e econômico mundial” (p. 17). Na fotografia da reportagem, a psicóloga aparece de máscara, e justifica a precaução, afirmando que é perseguida pelos tais ativistas e prefere esconder sua identidade; inclusive, confessa o receio do repórter ser um desses ativistas.

dos demônios: nesse caso, as igrejas se colocam em pé de igualdade às ciências médicas. Considerando o perigo que isso representa, como combater? Embora a proposta deste trabalho não seja pensar uma estratégia de combate, o primeiro passo para se pensar em alguma ação é compreender esse sistema de saberes. É compreendendo que produzimos uma crítica consistente; não podemos cair no mesmo erro daqueles que não fundamentam com rigor suas críticas. Daqueles que se baseando em conspirações, não acreditam no formato esférico da Terra, na eficiência das vacinas, na evolução das espécies etc., Hoje, mais do que nunca, é necessário pensar a produção do conhecimento com rigor, e o primeiro passo para se produzir uma crítica consistente, é entender aqueles que criticamos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Damares. MINISTRA DAMARES QUESTIONA TEORIA DA EVOLUÇÃO E DIZ QUE IGREJA PERDEU ESPAÇO NAS ESCOLAS, jan. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ImqJ5c6-ock>. Acesso em 19 mai. 2019.
- AYER, Flávia. CONHEÇA O PRB, O PARTIDO DE RONALDINHO GAÚCHO. **Jornal O Estado de Minas**. 20 mar. 2018. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/03/20/interna_politica,945483/conheca-o-prb-partido-de-ronaldinho-gaucha.shtml. Acesso em 27 mai. 2019.
- BISPO COMPROU RECORD EM 89. **Jornal O Estado de S. Paulo**. 14 jan. 1996. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/14/brasil/27.html>. Acesso em 19 mai. 2019.
- CASANOVA, Marco. **Mundo e historicidade**: leituras fenomenológica de ser e tempo. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.
- CIBELE. Ela cansou de sofrer, set. 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=plj4CqWJtSA>. Acesso em 19 mai. 2019.
- DIP, Andrea. **Em nome de quem?** A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- ESPÉR, Ronaldo. Agora hétero, Ronaldo Ésper diz que era gay por maldição familiar, dez 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6p_TN3JXkSQ&t=99s. Acesso em 19 mai. 2019.
- FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. **Manifesto à nação**. 24 outubro 2018. Disponível em <https://static.poder360.com.br/2018/10/Manifesto-a-Nacao-frente-evangelica-outubro2018.pdf>. Acesso em 19 mai. 2019.
- FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao *impeachment*. Campinas: IFCH-Unicamp, 1993.
- GIACOIA JR, O. **Heidegger Urgente!** São Paulo: Três Estrelas, 2013
- GONÇALVES, Eduardo. A Deus o que é de César. **Revista Veja**. 3 mai. 2019. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/a-deus-o-que-e-de-cesar/>. Acesso em 27 mai. 2019.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. **Bispo Edir Macedo**. Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/historia-do-bispo/11-dias-na-prisao/>. Acesso em 19 mai. 2019.
- IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. **Templo de Salomão**. Disponível em: <https://sites.universal.org/templodesalomao/detalhes-da-obra/>. Acesso em 19 mai. 2019.

LYOTARD, L. **A Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2010

MACEDO, Edir. **O Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Universal, 2002.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias**: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Universal produções, 1984.

MACEDO, E.; OLIVEIRA, C. **Plano de poder**: Deus, os cristãos e a política. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus. **Anál. Social**, Lisboa, n. 182, p. 145-161, jan. 2007. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732007000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 maio 2019.

MARCOLINI, Barbara; MALKES, Malkes; LOBO, Thais. A Igreja Universal e o custo da megalomania. **Jornal O Globo**, 20 out. 2014. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/a-igreja-universal-o-custo-da-megalomania-14302329>. Acesso em 13 mai. 2019.

MARIO. De mendigo a milionário, set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qFZa5Wvi45I>. Acesso em 19 mai. 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O SAL DA TERRA [site institucional]. Disponível em <http://www.saldaterra.art.br/?p=3992>. Acesso em 19 mai. 2019.

OFICINA G3. **Com 30 anos de carreira, o Oficina G3 tornou-se exemplo de grupo que conseguiu aliar o propósito de divulgar o evangelho através da música pesada com seriedade, profissionalismo e técnica**. São Paulo, s/d. Facebook: oficinag3. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/oficinag3/about/?ref=page_internal. Acesso em 19 mai. 2019.

RICARDO, Mariano. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RICOEUR, Paul. **A simbólica do mal**. Lisboa: Edições 70, 2013.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA., 1978.

JUSTINO, Rozângela. "Homossexuais podem mudar". [Entrevista concedida a] Juliana Linhares. **Veja**, São Paulo, n. 2125, p 15-17, 12 ago. 2009.

SOARES, Luis. Sex Shop gospel vende “brinquedinhos” sensuais para evangélicos. **Pragmatismo Político**, 17 abr. 2013. Disponível em <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/sexshop-gospel-vende-brinquedinhos-sensuais-e-evangelicos.html>. Acesso em 13 mai. 2019.

TEIXEIRA, Jacqueline. “Para muitas mulheres o processo de empoderamento está atrelado à igreja”. Entrevista concedida a Marina Rossi. **El País**, 14 mai. 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557527356_335349.html. Acesso em 2 jun. 2019.

TRINDADE, Naira; FORMENTI, Lígia. Evangélicos expõem críticas ao governo Bolsonaro. **Jornal O Estado de S. Paulo**, mar. 2019. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,evangelicos-expoem-criticas-ao-governo-bolsonaro,70002748658>. Acesso em 13 mai. 2019.

URACH, Andressa. Andressa Urach: testemunho completo no Templo de Salomão - Igreja Universal, fev 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tRKURAvyI5w>. Acesso em 13 mai. 2019.

ZAHAVI, Dan. **A fenomenologia de Husserl**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.